

TU

Lanço

TU É GATA
ISIS NASC
UM MULHERÃO À
ALTURA DO ANIVERSÁRIO
DA REVISTA

TU ENTREVISTOU
SEBASTIAN
ROJAS
BATEMOS UM PAPO
COM O MESTRE DA
FOTOGRAFIA DE SURF

TU PELO MUNDO
ACONCÁGUA
EMBARCAMOS NA MOCHILA
DE DOIS AVENTUREIROS
QUE DESAFIARAM A
MONTANHA MAIS
ALTA DAS AMÉRICAS

SÓ UM DOS MUITOS QUE VIRÃO

Há um ano e dois meses, estávamos no morro da Asa Delta conversando sobre nosso novo projeto. Queríamos consolidar, em uma revista online, tudo o que gostávamos: fotografia, diagramação, design, arte, gastronomia, viagens e o que mais tivéssemos de ideia com o desenvolver da revista. O nome "TU" veio naturalmente, é a nossa cara, a cara da Baixada. Um paulistano (Fernando De Santis) e um ribeirão pretano (Thiago Souto) falando "TU". O sonho se realizou, a primeira edição apareceu na nossa tela, tudo era cru, a revista tinha menos conteúdo, mas já era ela no nosso celular, tablet e computador.

Nesse período de um ano, conhecemos muitas pessoas sensacionais que se juntaram ao nosso time, que colaboraram com textos de viagens, modelos que posaram para as nossas lentes, pessoas incríveis que nos deram entrevistas e contaram histórias geniais. Todos toparam entrar de cabeça nesse nosso projeto que, antes de tudo, é a nossa paixão e nossa diversão. Cada vez que você acessa a Revista TU pelo seu dispositivo, saiba que cada página, cada foto, cada detalhe de diagramação é pensado e feito com carinho e com amor. São poucas pessoas fazendo a revista, por isso ela tem essa identidade homogênea. Saiba que cada página foi feita após um dia longo de trabalho, muito provavelmente concluída em uma noite extensa.

Essa edição especial de um ano traz uma retrospectiva das entrevistas e gatas que passaram por suas telas. E temos todo conteúdo habitual, caprichado. O mestre da fotografia de surf Sebastian Rojas nos contou suas histórias. Subimos o Aconcágua com o casal aventureiro Adriana Latorre e Paulo Casari. Isis Nasc festejou com champanhe e muita sensualidade o primeiro aniversário da TU. Além de cerveja, música, gastronomia, tamboréu e TU.

Agradecemos a todos que participaram da revista nesse primeiro ano. Quem utilizou #eusoutu nas redes sociais e apareceu aqui, aos entrevistados, modelos que confiaram em nós, colaboradores de textos de viagens, aos nossos colunistas fixos, patrocinadores, nossa revisora sexy e criteriosa e a você, que compartilhou qualquer coisa nossa nas redes sociais ou que simplesmente lê o nosso trabalho. É de coração. **TU**



FERNANDO DE SANTIS



THIAGO SOUTO

ELES FAZEM A TU

textos
\adriana latorre
\danilo rocha
\fernando de santis
\nicolas póvoas
\paulo casari
\thays cardozo
\thiago souto

fotos
\fernando de santis
\sebastian rojas
\thiago souto
diagramação
\thiago souto

revisão
\mariana tassi
maquiagem
\aline malafaia
instagram.com/alinemalafaia



#04

TU ENTREVISTOU

#18

TU É GATA



#32

TU PELO MUNDO

#44

TU TEM O QUE FALAR



#66

TU BEBEU

#68

TU NA COZINHA



UM DOS MAIORES
NOMES DA FOTOGRAFIA
DE SURF (E NOSSO ÍDOLO)
BATEU UM PAPO COM A TU

SEBASTIAN ROJAS

Era um dia daqueles cinzas, com uma chuvinha fina, mas que não parava nunca. Combinamos de entrevistar o mestre da fotografia, Sebastian Rojas. A ideia era fazer umas perguntas e depois fazer umas fotos ali no Tombo, no Guarujá, mas como o tempo não colaborou, o Sebá nos convidou para a sua casa. Até nos ofereceu um suco. "Eu que fiz agora cedo. Experimental!" O suco era gostoso, perguntamos do que era. "Banana, melancia e uma colher de requeijão". Depois dessa bomba (suco de requeijão!?!), batemos um papo para lá de gostoso com nosso ídolo. Que é um cara humilde e gente fina demais. No final da entrevista, gravamos uma live para seu perfil no Instagram, e voltamos pra casa com a sensação de ter aprendido muito.

texto
 \fernando de santis
 \thiago souto

fotos
 \¹fernando de santis
 \²sebastian rojas
 \³thiago souto

¹Sebastian com uma das mais de 60 capas da Fluir que ele emplacou em seus anos de fotógrafo exclusivo da revista de surf.

TU - O que veio primeiro na sua vida, o surf ou a fotografia?

Sebastian Rojas - O surf veio primeiro. Desde pequeno, sempre fui um fissurado por onda, mar... Às vezes eu nem conseguia dormir direito pensando em surfar. Sempre foi o surf. Aí depois veio a paixão pela fotografia. Eu sempre tive um gosto pela arte, pelo desenho artístico, então, na década de 70, minha mãe me matriculou na Artelândia, uma escola de artes que tinha em Santos, na Av. Ana Costa. Eu sempre gostei de desenhar. Era fissurado em histórias em quadrinhos, tinha toda coleção do Homem-Aranha e adorava as HQs em preto e branco. Eu gostava de ver, de admirar os desenhos, perspectivas, luz e sombras, mas em preto e branco. Não gostava de colorido. Para mim era o meu tesão ver quadrinhos em p&b. E aí, entrei na Artelândia e cursei uns dois ou três anos. O curso consistia em começar a desenhar, com lápis e giz de cera, até pegar a técnica toda e começar o final, que era pintar quadro. Tinta óleo. Desenhava na tela e depois começava a pintar. Quando cheguei

nessa fase dos dois ou três anos e pintar os quadros, tive uma grande decepção. Eu não conseguia misturar as cores, eu olhava uma foto de surf na revista, queria pintar aquilo ali, mas não saíam aqueles tons. Não sei, eu não conseguia. Foi uma grande decepção. Eu até desenhava bem, mas não tinha a paciência, sei lá. Eu teria que ficar pintando quadros durante anos para ser razoável. Eu falei "Para tudo!". Naquela época eu tinha 10, 12 anos de idade, e pintou uma viagem pra Espanha com os meus pais. Eu já tinha isso na minha cabeça: comprar uma câmera fotográfica para pintar com a fotografia. Fomos para Andorra, que é na divisa da Espanha com a França, nas montanhas, e aí comprei uma câmera, uma Zenith. Bem favelinha (risos), mas eu queria uma câmera e comecei a fotografar tudo que eu via, nada com surf, mas sempre fui apaixonado pelo mar. Depois de uns anos, troquei essa câmera por uma Nikon. Aliás, não troquei, tenho essa Zenith até hoje. E aí comprei uma Nikon e comecei a fotografar com uma qualidade muito superior.

“O SURF VEIO PRIMEIRO. DESDE PEQUENO, SEMPRE FUI UM FISSURADO POR ONDA, MAR... ÀS VEZES EU NEM CONSEGUIA DORMIR DIREITO PENSANDO EM SURFAR. SEMPRE FOI O SURF.”

TU - Você lembra o modelo?

SR - Caramba, agora você me pegou... FM-II, FM. Essas câmeras eram boas. Não eram aquelas mais top, mas beleza. Foi assim que comecei a me interessar por foto. Eu sempre ficava em São Vicente, ali em Itararé, Porta do Sol. Ia lá fazer foto das ondas entrando e tal. Isso era na década de 80, quando eu montei minha loja de fotografia no Guarujá, há duas ou três quadras da praia, ali nas Pitangueiras, no Maluf. Foi aí que eu realmente me entusiasmei mais. O surf no Guarujá tava crescendo muito, e aí conheci muito amigos, gente nova do surf. Não só guarujaenses, mas pessoas de São Paulo que vinham pra cá surfar. E eu sempre quis fazer fotos dentro da água, então surgiu uma



²Na página ao lado, Sebá em seu habitat natural, nas águas azuis de Noronha. ³Ao lado, em sua casa, na praia do Tombo no Guarujá.

oportunidade de comprar uma câmera da Nikon, aquática, chamada Nikonos III. Um amigo meu de Santos, o Nilson, que tinha a loja Visualcop (lojas de revelação de filmes) que eram fortíssimas, com revelação em papel, 10x15 ou 9x13... Era pãozinho de padaria, porque todo mundo ia lá e revelava (risos). Comecei a trabalhar, abri uma filial da Visualcop no Guarujá e o Nilson foi muito bacana, muito parceiro, e aí um dia pintou essa câmera e ele falou "Sebá, tem uma câmera aquática!", fui lá ver, fiquei maluco, eu não tinha grana, pedi pra minha mãe. Graças ao Nilson ter sido parceiro e oferecido, minha mãe ter dado a grana e eu ter conseguido uma câmera aquática, que comecei a minha carreira de fotografia de surf aquático.

TU - Quantos anos você tinha?

SR - Eu tinha 25 anos, comecei na loja em 82. Três anos depois, eu tava lá, fotografando dentro da água, no Tombo, veio o Bruno Alves, que era um dos donos da revista Fluir, e me conheceu dentro da água. Ele falou "Pô, estamos precisando de fotógrafo pro litoral... não temos ninguém fixo, não quer ir na redação conhecer?". Eu fiquei todo empolgado, mas aí passou um tempo e eu não fui. Aí um dia, um amigo meu

surfista, o Elton Preiss, falou "Porra Sebá, encontrei um fotógrafo chamado Bruno Alves, ele falou que você tava pra subir a serra e ir lá na redação...". Ele falou "vamos lá!", ele era surfista profissional e estava interessado em ter foto dele na revista. Um dia cheguei na loja pra abrir a loja, ele falou "hoje tu vai pra São Paulo, vai amarrado, vai ter que ir comigo!". Então, fui na redação e fiquei "Uau! Não acredito que vou fazer fotos!". Me deram uns filmes de slide, uns 3, aí desci todo empolgado, botei na minha Nikonos e fui fotografar pra ver o que saía. E logo nos dois primeiros rolos de filmes saíram umas 4 fotos boas, inclusive uma do Elton dando um aéreo, por trás da onda. Ele ficou super amarrado. Saíram outras fotos de outros surfistas, nossos amigos, aí publiquei minhas primeiras fotos em 85. Daí não parei mais. Depois pintaram umas viagens para o exterior. Foi aos poucos. Pro Havaí no Verão, em 1987... Aí depois comecei a ir nos Invernos e nunca mais parei de ir. Minha característica é dentro da água, sempre gostei mais do que de ficar na areia. E a Fluir sempre me apoiou. As revistas valorizavam mais as fotografias aquáticas, até pagavam mais por uma foto. É muito mais difícil, botava um rolo de 36 poses, ia pra água e ficava naquela "fotógrafo isso ou não?". Quando

na água em Pipeline, no Havaí, era aquele pânico. Não podia entrar no pico e sair detonando, daí acabava o filme e era mó rolê. Não sabia se tirava sequencial ou não, quantas e quantas vezes o filme parou na pose 24 e fiquei uma hora, uma hora e meia, esperando o momento e saía com filme sem terminar. Era impressionante. Na época que comecei no Havaí, eu já tinha uma Nikon com caixa estanque, (que o próprio Bruno Alves trouxe), pra Nikon FM-II, que tinha motor drive, que fazia 3 ou 4 fotos por segundo, trocava lentes. A Nikonos era uma foto por vez, tanto é que a minha primeira capa, no Tombo, foi com a Nikonos, um clique só que acertei o momento, o enquadramento.





“MINHA ESCOLA PRINCIPAL FOI O HAVAI, EM 88, QUANDO FOI MEU PRIMEIRO INVERNO, DAS ONDAS GRANDES. FIQUEI IMPRESSIONADO.”

TU - E o que aconteceu com a loja?

SR - Foi uma história de vida. Eu casei na década de 80 e a minha loja foi o meu sustento durante 23 anos ou mais, a loja veio junto com a minha carreira. Eu morava em Santos na época, mas vinha pro Guarujá todos os dias e a loja foi crescendo. Comecei a vender camisetas do Guarujá – Brasil no Verão, foi uma procura grande. Depois parei e entrei com vídeo-locadora. Foi aquela coisa de ir encaixando no espaço que eu tinha, que era meio grandinho, um estúdiozinho, e foram muitos anos (de 1982 até 2007). Na época, ainda mandávamos revelar em São Paulo, então comprei meu mini-lab. Depois que entrou o

digital, vendi o mini-lab, que só revelava filmes e passei revelar arquivos digitais. Mas logo, um ou dois anos depois, caiu muito (a procura), acabou o costume do povão revelar foto em papel. A loja fez com que eu, paralelamente à fotografia, também tivesse um negócio que funcionava bem. Se eu dependesse só de fotografia de surf, eu ia pegar esse dinheiro que entrava pra viver e não teria condições de botar dinheiro em equipamento. Tudo que entrava de fotografia de surf eu reinvestia em equipamentos. A loja sustentava minha família.

TU - E você chegou a fazer cursos de fotografia ou foi autodidata?

SR - Fiz cursos em Santos, de laboratório preto e branco, fotografia. Alguns cursos, não muitos, pois a fotografia de surf demandou um aprendizado novo, dentro da água. Como fotógrafo, você já tem que ter dominado a técnica, o manuseio da caixa estanque, os comandos externos têm que estar na mão. O outro aprendizado, que era o de posicionamento na arrebentação, natação, envolvia

o lado técnico e físico, além da experiência adquirida no surf, como o posicionamento dentro da água onde tem correnteza forte, antecipar-se onde será feita a manobra, ângulo... Tudo isso é uma decisão tua na hora, nenhum fotógrafo chega e te ensina. Aprendi muito, minha escola principal foi o Havaí em 88, quando foi meu primeiro Inverno das ondas grandes. Fiquei impressionado, não acreditava nos tubos, aquele poder todo, arrebentação complicada, posicionamento muito mais crítico, perigo de vida... Outra realidade, diferente do Brasil, do nosso litoral. Lá, aprendi a ver os fotógrafos e o que eles faziam ao meu lado. Eles fotografando, via o trabalho deles, comparava com o meu. Eu queria chegar no nível deles.

TU - Quais suas referências fotográficas?

SR - No Brasil, sempre foram Bruno Alves, o Cação (Alberto Sodré), o próprio Basílio (Ruy), que já fotografava na época, Nilton Barbosa, que era da revista Brasil Surf, Roberto Price... Tinham muitos fotógrafos bons no Rio, Sul, São Paulo... Cada um fazia o seu melhor e era uma competição gostosa, saudável entre eles. Sempre tive suporte da revista Fluir, pagavam filme, revelação, viagens, despesas, passagens, alimentação, transportes, então eu pude crescer muito na fotografia, como poucos, pois era eu fotógrafo sênior da revista. Minha carreira deslanchou por conta do apoio da revista. Do meu bolso eu não teria condições de viajar e investir em viagens tão caras.

TU - Hoje em dia, quanto tempo em média demora uma sessão de fotos dentro do mar?

SR - Hoje em dia, o problema não é mais quantidade de fotos que você pode tirar, é seu físico. O quanto você aguenta dentro da água sem ficar desidratado, cansado. No Havaí, você não pode se esgotar, pois você pode ter um problema na hora de sair da água. Ficar até o final da sua capacidade física pode dar problemas, pode ter câimbra, ficar numa correnteza e se ferrar... Se o mar estiver épico, você quer ficar o máximo que der, umas duas ou três horas. Já fiz isso uma vez na Indonésia, fiquei o máximo que eu conseguia suportar (umas quatro horas e meia, cinco horas), mas depois, no dia seguinte, eu tava com a vista queimada, tava todo queimado no rosto, super cansado, desidratado... Eu vi que não valia a pena, pois o surfista não cai cinco horas, é raro. Qual o tempo de surf? Duas horas? Duas horas e meia? Os caras se cansam. Eu fazia a rotina da galera, não adianta ficar lá com a galera cansada, começa a tomar onda na cabeça, sua natação fica mais lenta, mais cansado, você acaba não produzindo. Claro que tem determinados mares, por exemplo, Padang, na Indonésia, que é

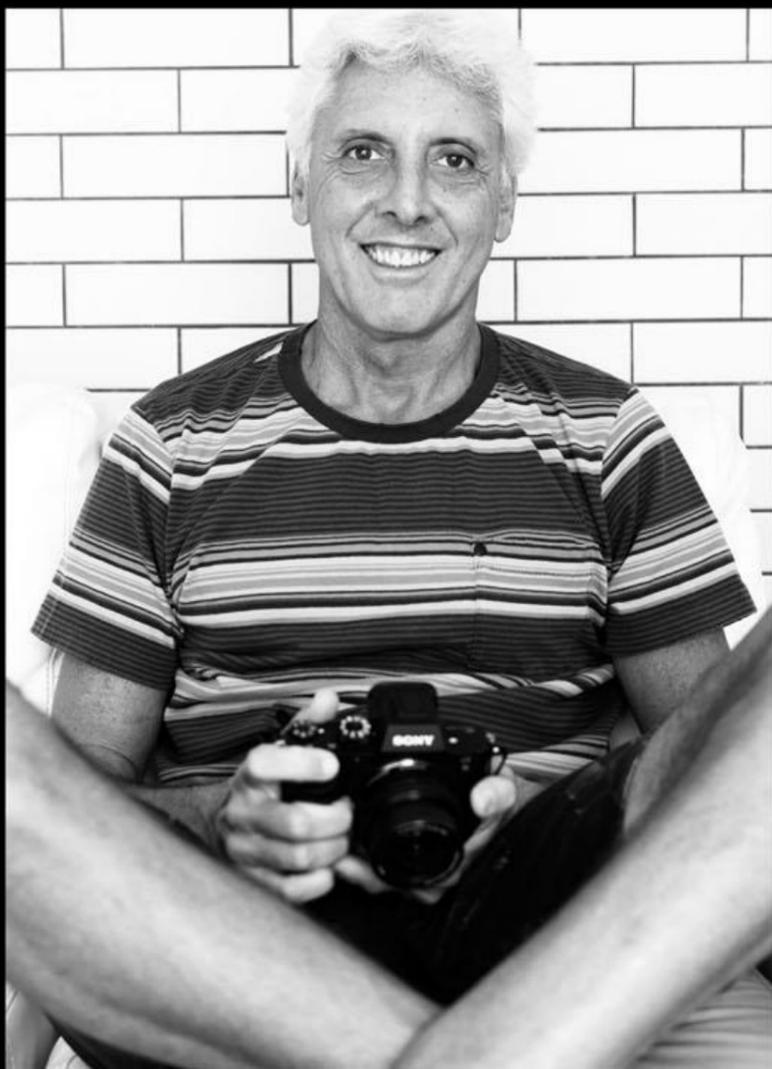


Na página ao lado, Sebastian com suas ferramentas de trabalho. Nesta página, alguns pro surfers clicados por Sebá. Brayner Alves, na praia de Pernambuco (ao lado), Mason Ho, Pipelina (abaixo) e Leco Salazar, Rocky Point (mais abaixo) pelas lentes do mestre Sebá.



TU ENTREVISTOU

uma onda um pouco mais fácil de fotografar, que rende muito, às vezes fico lá três ou quatro horas. Não tem uma correnteza forte, você consegue se manter mais tempo. Normalmente, o físico da gente em uma sessão de duas horas, duas horas e meia já tá bom, sai um pouco, descansa, dá uma reciclada. Na época do rolo de filme, era isso também, essa caída que eu dei na Indonésia, foi na época do rolo de filme, pra você ver como eu era maluco. Tirava uma foto ou duas, esperava mais meia hora pra fazer mais duas ou três, depois mais uma hora... Às vezes, eu esperava tanto tempo, de repente entrava o vento maral, aí fodia tudo (risos). Depois de duas horas, via que tava com 20 fotos lá já tiradas, faltavam 16, cansado pra cacete, sem ter feito o rolo todo e não ia fotografar qualquer coisa. Era uma questão de escolha do que clicar ou não. Mas, hoje em dia, isso tudo é baseado no seu preparo físico.



TU - Você falou bastante da revista Fluir. Você acha que ela cumpriu seu papel, depois de mais de três décadas? Ela teria como sobreviver apenas online?

SR - Cara, ela poderia sobreviver online, já que todas as revistas migraram e pelo menos tentaram se manter online. A última que fechou foi a Surfing, lá fora, uma pena... No caso da Fluir, eu vejo da seguinte forma: era de se esperar que nesse mercado editorial da mídia impressa, que já vem há muito tempo declinando, a procura diminuísse, porque aconteceu muito rápido, os sites atropelaram, literalmente. O dono da Fluir era dono do Waves, que sempre foi um site de sucesso do Brasil. Além dos sites de fora, que assim que terminavam o campeonato davam tudo, fotos, conteúdo... Isso fez com que a Fluir e outras revistas ficassem sem uma razão de existir e de cobrir aquele campeonato pois, quando saía na

banca, todo mundo já sabia o resultado. A notícia hoje fica velha dois minutos depois. A Fluir começou a partir para um editorial de viagens, lugares mais remotos, coisas que não se vê na hora, na internet. Mas tudo isso é muito caro, você mandar o fotógrafo pro outro lado do mundo, para um faturamento em declínio. O faturamento não era só ligado aos patrocinadores, mas também ligado à baixa da venda em bancas de jornais, não tinha como sobreviver. A Hard Core tá aí, mas sei que não é fácil, pois envolve um investimento muito alto. Nem sempre o conteúdo fotográfico é superior aos sites. Muitas vezes, eu via fotos infinitamente superiores em sites do que nas próprias revistas. O conteúdo das revistas ficou, também nesse sentido, sofrendo uma enorme concorrência. Às vezes, para a foto impressa na revista a qualidade não é tão boa, mas no site fica bonito. Se a revista usa um papel reciclado, queira ou não, já perdeu qualidade, a gráfica não é aquela coisa, já ferra um pouco. Tudo aquilo faz com que a qualidade de impressão estivesse inferior à mesma foto do próprio site da revista Fluir. No site, a foto fica mais bonita que impressa na revista. A concorrência já era desleal, no sentido de rapidez de informação, e ainda tinha a qualidade impressa. Isso tudo fez com que as pessoas parassem de comprar a revista. Eu acredito que, se a Fluir tivesse continuado com o site, ela poderia estar movimentando alguma coisa ainda hoje, porém, os donos do Waves, também donos da Fluir, não queriam concorrência. Não adiantava fomentar, investir, fazer o site da Fluir virar forte, mas teria que ter as câmeras apontadas para as ondas das praias, previsão de ondas... Tudo que o Waves já faz. Teria que ter uma estrutura que já estava montada no Waves. O mercado ficou mais concorrido com as informações digitais, e eu acho que terminarem foi o melhor, pois do jeito que estava não dava. Ninguém tava recebendo nada, todos os colaboradores ficaram pelo meio do caminho, deixaram a dívida aumentar... A bola de neve só tava crescendo.



TU - E o que você faz hoje, Sebá? Não tem mais a Fluir onde você era sênior, eventualmente tinha seu salário fixo mensal, para ser exclusivo...

SR - O fotógrafo se reinventa. Muitos partiram pro vídeo, viraram videomakers. Fotógrafos que eu dei curso, foram pro vídeo. Eu te falo, continuo me reinventando, continuo trabalhando com marcas. Esse ano, no Havaí, meu objetivo foi me dedicar a fotografar pessoas que surfam normalmente, que têm um poder aquisitivo um pouco melhor, que estão ali, no dia a dia surfando as ondas de North Shore, e compram pacotes. As pessoas me falavam "poxa, Sebá meu sonho é ter uma foto sua, ter uma sessão fotografada por você...", eu sempre tinha pautas da revista. E, esse ano, pude me dedicar a essa outra tribo que são os surfistas moradores do Havaí, com uma capacidade boa para comprar conteúdo, e aqueles que vão do Brasil para o Havaí e querem ter seu registro. Pude, dessa forma, me viabilizar fazendo esse tipo de trabalho que, com o crescimento das redes sociais, surgiu com a necessidade desses surfistas terem conteúdo de qualidade, aparecer com fotos de qualidade. Eu, como

tenho essa característica de gostar de fazer fotos dentro da água, produzi bastante coisa para essa galera. Esse tipo de foto faz a cabeça das pessoas. Não é porque tive uma carreira de sucesso e tenho um nome bom, que não posso fotografar você pegando onda. Posso, desde que seja bom pros dois. Então não me incomodei, fotografei os melhores do mundo surfando, mas se a verdinha está onde está essa galera... Não que eu faça pensando só no dinheiro, quero continuar em atividade ou migro pro vídeo. Fico fazendo pautas para canais, ganhando diárias, experiências para o vídeo... O que hoje me motiva é continuar a minha vida fotografando ou filmando. Eventualmente, mando conteúdo pros sites, sempre tô de olho. Vejo dessa forma, o principal é continuar trabalhando. Mesmo com patrocinadores, que têm que mostrar esses produtos com o atleta ou sem o atleta, fazer produção de conteúdo de foto e vídeo para essas marcas e também fotografar surf trips.

¹Na página ao lado, Sebastian posa com sua amiga inseparável, a câmera fotográfica. ²Acima, com uma das turmas de seus workshops, onde ensina a galera os segredos da fotografia de surf na prática. E bota prática nisso.

“NÃO É PORQUE TIVE UMA CARREIRA DE SUCESSO, TENHO UM NOME BOM, NÃO POSSO FOTOGRAFAR VOCÊ PEGANDO ONDA. POSSO!”

TU ENTREVISTOU

TU - Quantas capas você já fez?

SR - Quase 70 capas, mais ou menos. Umás 60 a 70 da Fluir. Isso falando de Brasil, lá fora não lembro. Mas foi porque eu peguei a época da revista onde eram poucos os fotógrafos do staff. Peguei a época de ouro, quando pintava mesmo uma viagem filé, quem ia mesmo era a gente, eu e mais dois ou três, no máximo. Taiti, Havaí, todo ano. Comecei a ir lá em 1987 e nunca mais parei, ou seja, 87 a 2017, todos os anos, todas as temporadas, 31 temporadas de Havaí. Minha segunda casa. É um lugar onde você vive aprendendo, se desafia cada vez mais. Sempre trazia uma capa, sempre tinha fotão. Ia pra outros lugares, outros destinos e assim ia.

TU - Você era exclusivo...

SR - Viajei muito, muitas viagens na minha carreira, sempre apoiado pela Revista ou por uma marca. A Fluir fechava uma trip com a Hang Loose (exemplo), então tinha o lado de fazer a matéria e também produzir conteúdo para a marca. Seja Hang Loose, Quicksilver, Billabong... Tal marca quer ver as fotos que você fez para fazer um anúncio. Ganhava na matéria publicada, na venda da marca. Era uma coisa que funcionava super bem. Continua funcionando, mas não tanto quanto antes. Querem muito mais pagando muito menos.

“O HAVAÍ É MINHA SEGUNDA CASA. É UM LUGAR QUE VOCÊ VIVE APRENDENDO, SE DESAFIA CADA VEZ MAIS. SEMPRE TRAZIA UMA CAPA, SEMPRE TINHA FOTÃO.”



TU - Você é um cara que está em forma. Para entrar no mar, qual sua preparação física, alimentação, tem alguma regra pra isso?

SR - Comecei a me importar muito mais com isso há cerca de dois ou três anos atrás. Meu preparo físico é muito lá aquelas coisas, cara. Gosto de surfar, dou umas corridas na praia, tô ligado no automático. Sempre nadei, sempre estive no mar, nunca fiquei sedentário e isso facilitou bastante. Eu acho que toda experiência, adquiri nesses anos todos de natação, arrebentação... Tenho um lado psicológico bem tranquilo em relação a isso, vou lá e tento fazer meu melhor. Claro que, se tivesse um preparo físico, forte, poderia desempenhar melhor dentro da água, mas eu tenho que pegar onde me dá a cabeça, vou e faço aquilo que me sinto bem. Quanto entro no mar tô bem, super tranquilo, me posiciono no ângulo que quero...

²Acima, toda a beleza de um tubo perfeito captado por Sebastian Poggi em Pipeline.

³Na página ao lado, folheando uma das várias revistas Fluir que ele estampou suas fotos.

TU - Como o Romário...

SR - Romário não gostava de treinar (risos). Uso essa minha experiência, lado psicológico, em dias grandes. Claro que com responsabilidade, mas sempre fui um cara magro, sempre estive em atividade, nunca fui um cara sedentário. Sempre estou em ação. A fotografia aquática é o que realmente me deixa feliz, eu tô ali convivendo com a natureza, próximo a ela, interagindo com surfistas, buscando me divertir principalmente.

TU - Você se priva de alguma alimento?

SR - Tô diminuindo carne... A carne é fraca (risos). Me alimentando com mais líquidos que sólidos. Ganhei um livro de um aluno meu, Dieta Gracie, muito bacana, combinação certa dos alimentos. Tem frutas que não combinam com outras. Você tem que fazer coisa certa, no sentido de arrancar de energia desse alimento com a mistura correta. Metabolizar melhor.

TU - Você toma cerveja?

SR - Raro, não bebo, ontem tomei um licor do México... Sou de boa em relação à bebida, nunca curti muito cerveja, prefiro um vinho às vezes. Sempre fui um cara que, pelo meu jeito de ser, sempre me mantive saudável, nunca fumei cigarro. Não tenho porque hoje mudar. 56 anos... Quando é que vou me aposentar? Não sei... Hoje eu me vejo tranquilo em relação a isso, não tô naquele momento de “e agora?”, não tenho a mínima expectativa de para e nem expectativa de meter o pé no acelerador, sair como um louco por aí. Então, quando vier um swell bom aqui ou ali, eu vou embora, vou continuar. Posso continuar até os 70 fazendo isso. Fazendo minhas fotos, minha cabeça, dando cursos... Tem atividades que me mantém preparado. No curso, levo meu aluno pela mão, uma caixa estanque numa mão e outra segurando a mão do aluno, que não sabe passar uma arrebentação... Mulher, homem, cara sem preparo e vamos varar, vamos pro fundo. Me mantenho em atividade. Meus workshops não são só dentro de uma sala de aula ou só ficar na areia. Ensino a segurar uma caixa estanque, dominar a técnica para poder fazer uma boa foto, se posicionar, saber tomar na cabeça, saber varar uma onda, não ficar preso, olhar o posicionamento dentro da água pra correnteza não te levar pra lá e pra cá. Tem o lado físico, lado psicológico, lado técnico de fotografia. Fotógrafo aquático, o cara sofre, toma onda na cabeça a vida inteira, é espancado pelo mar a vida inteira, você fica na zona de impacto.

TU - Falando nisso, alguma vaca que vale a pena mencionar? Alguma realmente traumatizante?

SR - Em 1998, aconteceu um acidente no Havaí. Bati a cabeça e abriu um buraco, tomei vários pontos. Foi durante uma pré-temporada. Tava fotografando free surf e resolvi varar uma série. Deveria ter saído. Uma onda me pegou, fiz um movimento errado, me arremessei contra uma bancada de cabeça. Apaguei dentro da água e saí na areia todo ensanguentado. Tomei 10 grampos na cabeça. Eles grampeavam como se fosse papel. E aí foi um acidente que me marcou. Tive alguns outros. Pânico de tomar série gigante na cabeça. Teve até dois anos atrás, em Off The Wall, tomei uma série saindo da água, a correnteza me pegou e me jogou aonde não imaginava. Fiquei duas ondas embaixo da água, tomando caldo. Mantive a calma, com o lado psicológico bacana. Foi bom pra testar a minha capacidade psicológica, pra não entrar em pânico. Fez com que, todos esses anos, eu ganhasse essa experiência de deparar com momentos realmente perigosos e não apavorar.

TU - Esse acidente te fez repensar?

SR - Fez repensar na necessidade de usar capacete. Sei que deveria usar, mas não consigo colocar capacete. Me aperta

pescoço quando vou mergulhar, me dá um pânico. Alguns fotógrafos e cinegrafistas também não gostam, mas já vi capacete fazer diferença entre a vida e a morte. Teve um acidente incrível, anos atrás. Passei uma onda, por baixo dela, quando eu saí por trás da onda o surfista que vinha nela também saiu. Pulou com a prancha por trás, subi na quilha do cara que tava descendo, aterrissando por trás da onda. Cinco pontos. Se tivesse capacete... O mar tava perfeito, é aquelas coisas, acontecem, acidentes acontecem. Eu deveria usar, mas não uso.

TU - Algum lugar que nunca fotografou e gostaria de fotografar?

SR - Vários picos. Gostaria de conhecer a Tasmânia, West Australia, Cyclops. Aquelas ondas que entram numa bancada gigante, dobrando, tubos, várias ondas. A própria África do Sul, Jeffreys Bay, não fui ainda. Conhecer mais a Indonésia e me aprofundar mais nas ondas de lá. Algumas ilhas do Havaí que não conheço e tal. Alguns lugares, os “locais” não permitem fotografar. Tem muitos lugares que não fui e gostaria. Taiti, o arquipélago da Polinésia Francesa tem muitas ondas. Descobrir picos novos, lugares consagrados que nunca fui. Minha aposentadoria não tem hora pra começar, estamos na pista.





²Randall Paulson pego em ação por Sebá em dos tubos cor de safira de Pipeline. ¹Na página ao lado, Sebá segurando uma das inúmeras capas que ele já fez para a Fluir.

TU - Tem alguma foto que você considere "a foto"? Sua melhor foto?

SR - Tiveram fotos que fizeram sucesso, uma que me marcou foi primeiro mar gigante que vi em Teahupoo, no Taiti. Uma onda gigante, 20 e poucos pés, um dia épico. Nunca imaginava que fosse ficar assim tão grande. Tiveram fotos marcantes, mas não considero nenhuma "ah, essa é a foto da minha vida", acho que, talvez, a foto da minha vida vou eleger depois que me aposentar (risos). Muita coisa pra acontecer, mas existem fotos que marcaram. Muitas fotos legais, mas não tem nada assim... Espero sempre que consiga fazer uma foto melhor da que eu achar definitiva.

TU - E você faz fotos de natureza, ondas, praias, mar, sol...

SR - Sim, muita onda, natureza, é um chamado, né, cara? Eu acabei, de uns anos pra cá, lendo uns livros dessa área espiritual um pouco, acho que percebi ainda mais minha missão aqui. O trabalho que faço é engrandecer a natureza, registrar e imortalizar os momentos como tantos fotógrafos de surf fazem. A melhor missão é essa, registrar a natureza e poder fazer com que a obra de Deus seja engrandecida, mostrada e valorizada. Trazer as pessoas para o meu lado nesse sentido, trazer os admiradores do meu trabalho, para também seguir nesse caminho. Eu sempre ouvi de muitos admiradores meus: "Nossa Sebá, você me incentivou, quis fazer o que você faz, fotografar surf, natureza...". Eu trouxe essas pessoas interessadas e apaixonadas, por fotografia e pelo surf, para o meu

lado, para se inspirarem no meu trabalho da mesma forma que me inspirei no trabalho de outros fotógrafos. Um ciclo de inspirações.

TU - Cartier-Bresson falava do momento decisivo, nem um segundo antes, nem um depois. Que é o que você fazia nos anos 80, duas horas no mar, com um rolinho de 24 poses, esperando o momento decisivo. Te incomoda hoje o momento decisivo não ser mais tão decisivo, com o modo de disparo contínuo e câmeras ultra rápidas?

SR - Existe momento decisivo e sempre vai existir. Na época do Cartier-Bresson só tinha uma chance para o momento, a câmera dele não tinha o motor drive. Hoje, o momento tá em qualquer fotografia. Não quero nem saber, uso a tecnologia, meto mesmo o dedo, 12 fotos por segundo. E daí se peguei num clique ou numa sequência de 24 fotos e uma só foi a foto decisiva? Não me importa. Tô usando a tecnologia a meu favor. Fotografia esportiva, de esportes radicais, e o surf se inserem nisso, depende muito de você contar uma história. Você contar uma história daquela foto, tem que fazer uma sequência. Contar a foto de um aéreo bem sucedido tem que ter a sequência

inteira. Se naquele aéreo tem o momento decisivo, ele tá ali. Vou usar hoje a tecnologia. Claro que poderia pensar "vou tentar fazer agora uma foto só, do momento decisivo". Sei que eu conseguiria, fiz muito na época. Mas depois com a tecnologia das lentes, com auto-foco, tecnologia digital que superou os filmes, uma qualidade superior, depois disso tudo, dou graças a Deus de ter essa tecnologia ao meu dispor. Poder registrar tudo que vejo, seja sequência ou não, ou num clique só. Eu tô investindo numa tecnologia para ter os momentos decisivos e perder o mínimo possível. Você pode me perguntar: onde está a arte nisso tudo? A arte disso, naquela época e que continua sendo a mesma até hoje, é o olhar apurado e a tecnologia ao nosso favor, sempre buscando o melhor ângulo, trabalhando a melhor luz. E talvez a arte também esteja em como manipulamos esse arquivo digital no nosso computador.

TU - Algum projeto de livro? Exposição?

SR - Tá rolando. Você sabe que incentivos estão aí para serem usados e disponibilizados para os artistas e para a população. Já entrei com três projetos, uma pelo ProAC ICMS de São Paulo (Secretaria de Cultura) e outro pela Rouanet. Dois livros e um outro para uma exposição. Projetos que dei entrada agora no final do ano estão sendo avaliados, estou num momento da minha vida que não estou com essa pressa toda, estou querendo fazer aos poucos. Ontem mesmo, entrei em contato com o Dragão (Reinaldo Andraus), que já foi editor da Fluir. Quando a Fluir fechou, não sabiam onde mandavam o foto-arquivo da revista, que são milhares de cromos, e o Dragão levou pra casa dele, montou num lugar que não tinha muita umidade. Falei com ele que tô lançando um livro da minha história, de quando comecei. Quero pegar e olhar de novo tudo isso. Muita coisa já esqueci, vou pegar e lançar num desses livros uma parte histórica e depois uma mais contemporânea, com as fotos digitais. **TU**



“O TRABALHO QUE FAÇO É ENGRANDECER A NATUREZA, REGISTRAR A IMORTALIZAR OS MOMENTOS COMO TANTOS FOTÓGRAFOS DE SURF FAZEM. A MELHOR MISSÃO É ESSA.”

A ESTRADA
ESTA TE
CHAMANDO.
NÃO OUSE
IGNORAR!

SUPER CUSTOM. SEU SITE ESPECIALIZADO
EM PEÇAS E ACESSÓRIOS PARA O MERCADO
DE MOTOCICLETAS CUSTOM PREMIUM.

 Super Custom

supercustom.com.br

 [supercustommotos](https://www.facebook.com/supercustommotos)

 (13) 97600.4842

 [super_custom_motos](https://www.instagram.com/super_custom_motos)



TU É GATA

ISIS NASC

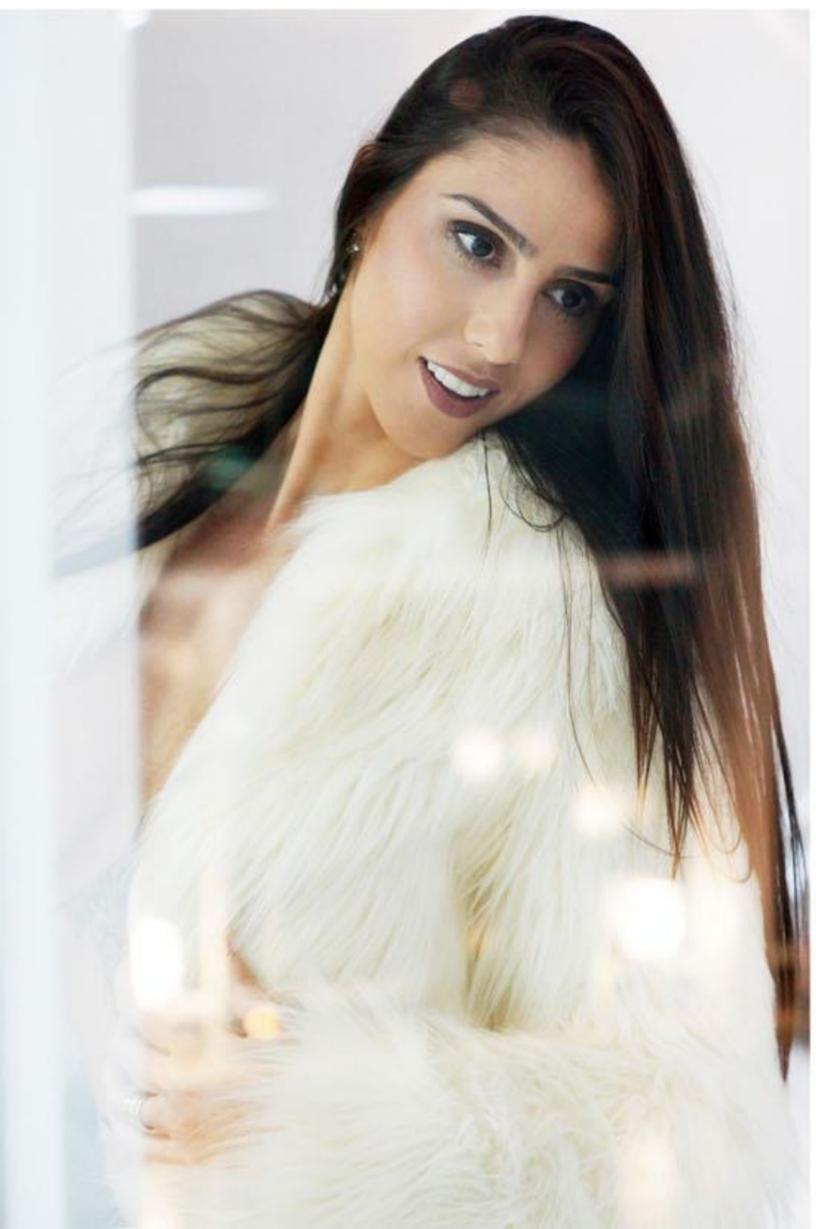
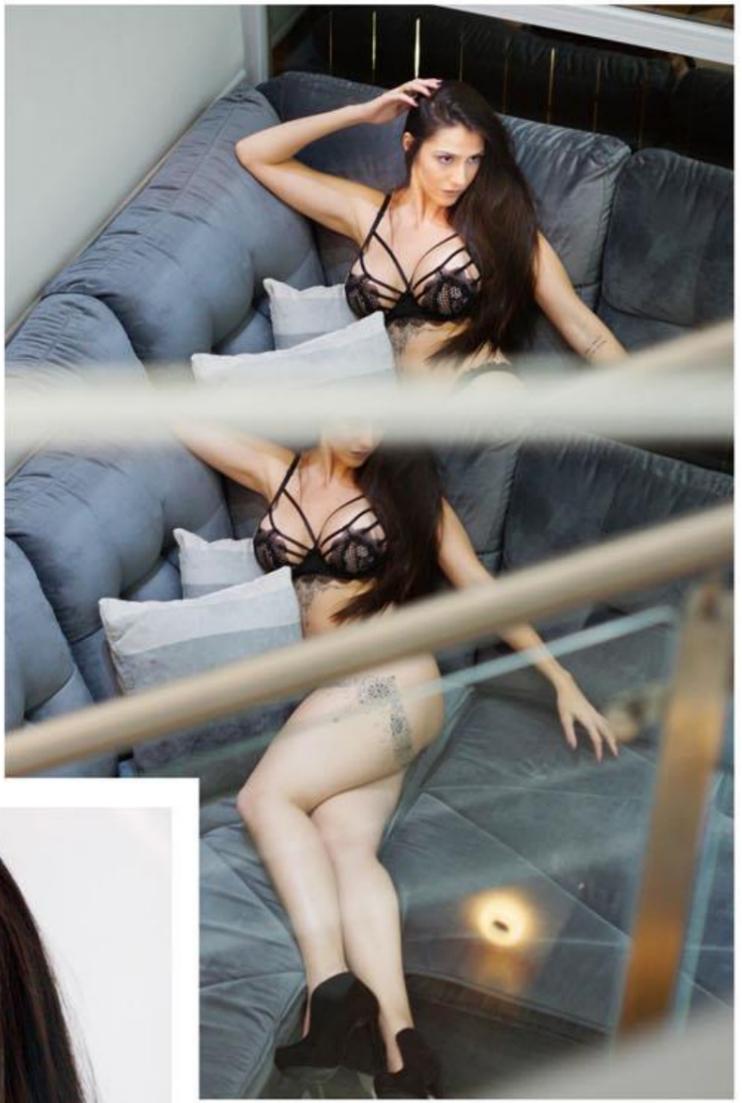
**PARABÉNS!
UM MULHERÃO À ALTURA
DO ANIVERSÁRIO DE 1 ANO
DA REVISTA TU**



Isis Nasc nunca havia posado em um ensaio fotográfico. “Apenas fotos de celular”, confessou. Para ela, reservamos um ensaio pra lá de especial: o ensaio de aniversário de um ano da Revista TU. Perguntei a ela se estava animada e respondeu “um pouco nervosa...”. Desde o começo das conversas para o ensaio, Isis deixou claro que jamais havia sido fotografada profissionalmente e o fato de ser um ensaio sensual a deixava um pouco preocupada. Mas as conversas avançaram e Isis nos recebeu em seu belo apartamento, em Santos, onde mora com o marido Gustavo. Casada há cinco anos, é formada em Comércio Exterior, gostou bastante do curso, mas trabalha na parte administrativa da academia de artes marciais do marido.

“Eu falo pra caramba, mas pra fotos sou tímida demais. Será um desafio para vocês”. De tanto me alertar a respeito da timidez, fiquei preocupado. Após a preparação da maquiagem, Isis apareceu tímida na porta do quarto, usando uma calcinha preta e um colete de pêlos. Tatuagens pelas costas, barriga, cintura, braços, perna e um corpo incrível, que carregava um rosto tímido. Mas talvez por fato de estar fotografando no próprio lar, nos primeiros cliques, Isis se transformou. Esqueceu que era um ensaio, esqueceu a timidez em algum cômodo do apartamento e se entregou de corpo e alma para as fotos. Virou uma festa, música eletrônica embalava as poses, sugeria posições, fazia caras e bocas, estava fazendo algo que não imaginava saber fazer. E fez muito bem!





“SOU
TÍMIDA DEMAIS”.
NÃO DÁ PARA
ACREDITAR,
DEPOIS DE
UM ENSAIO
TÃO LINDO
COMO ESTE



Com uma garrafa e uma taça de espumante nas mãos, nos convidou para subir para o segundo andar do duplex. Lá, a trilha sonora mudou. Isis é apaixonada por Hard Rock, e todos os anos vai para o *Sweden Rock Festival* (na Suécia, conforme o nome do festival sugere) com o marido. Observando através das câmeras, perguntei o que ela faz para ter esse corpo invejável. Não bebe, não fuma e pratica exercícios todos os dias. Musculação, spinning e corre na praia. “Vou mudando para não enjoar da mesma atividade”. Artes marciais pratica raramente. “Dou umas batidas no saco de boxe! Mas tenho medo de me lesionar, por isso evito. Não curto ficar com hematomas pelo corpo”. Isis não era a única gata presente no ambiente. Marie, Panicat e o macho Ozzy, três gatos persas (desses bem peludinhos) vivem com o casal.







Meiga, doce, roqueira, tatuada, esposa e mãe de três lindos gatos. Isis pode parecer muita informação à primeira vista, mas logo você a compreende. "Tenho sonho de ser feliz para sempre, ter muita saúde e ter todos que amo perto de mim". Tranquila, conta que os outros sonhos como viagens, ela realizará com o tempo. No braço direito, em italiano, tem tatuado a frase "Vamos viver nossos sonhos, temos tão pouco tempo!". Definitivamente ela leva ao pé da letra esse lema. **TU**

**VAMOS VIVER
NOSSOS SONHOS,
TEMOS TÃO
POUCO TEMPO.
A TATTOO EM
ITALIANO NO SEU
BRAÇO DIREITO
É UM CONVITE
E UMA LIÇÃO**



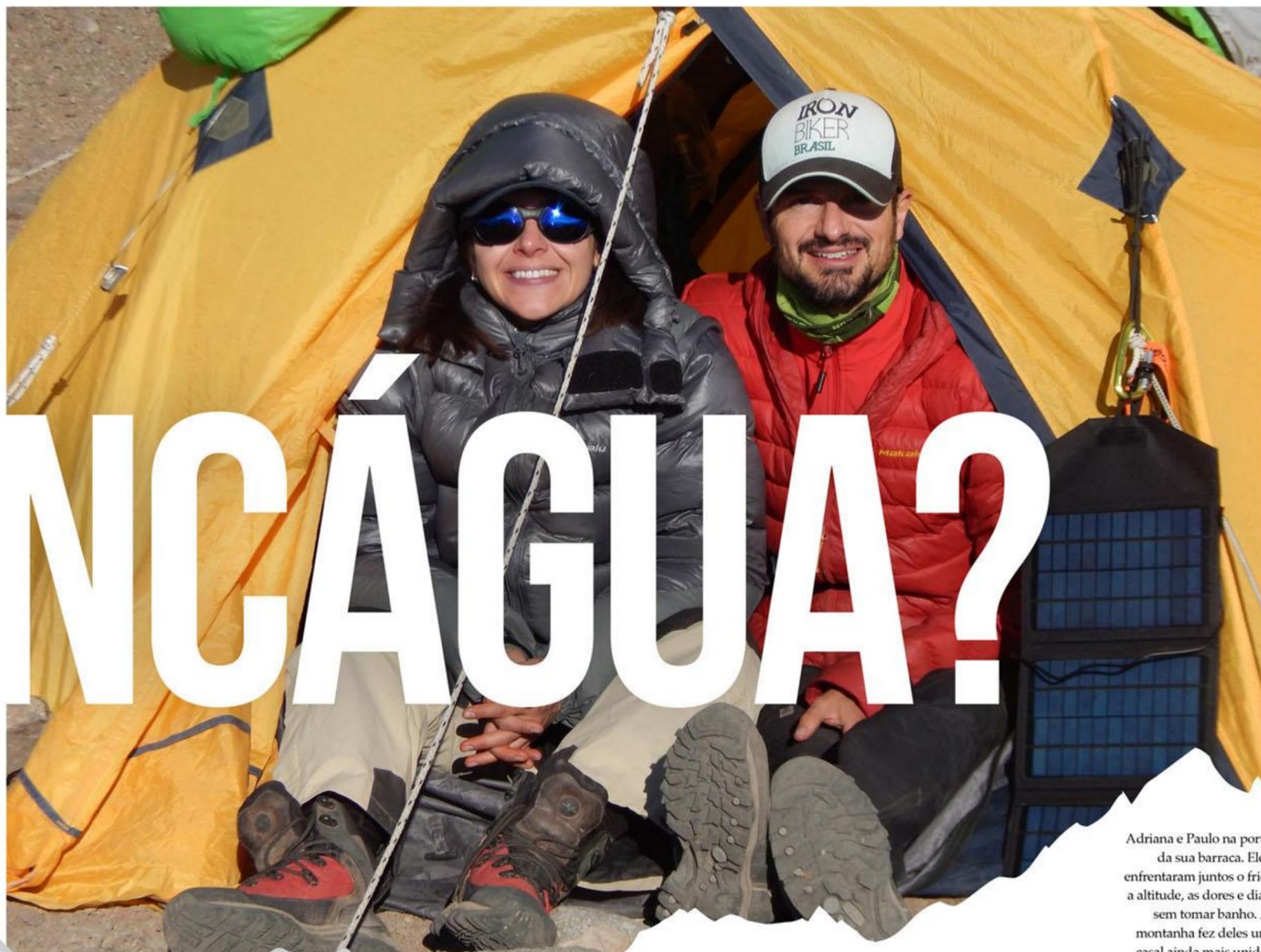


TU PELO MUNDO

POR QUE NÃO SUBIR O ACO

**O CASAL ADRIANA E PAULO SE FEZ
ESTA PERGUNTA E A RESPOSTA FOI "SIM!".
HAJA AMOR PARA DESAFIAR A
MONTANHA MAIS ALTA
DAS AMÉRICAS.**

texto e fotos
\\adriana latorre
\\paulo casari



Adriana e Paulo na porta da sua barraca. Eles enfrentaram juntos o frio, a altitude, as dores e dias sem tomar banho. A montanha fez deles um casal ainda mais unido.



Após viajar para o Egito, Bolívia, Chile, Guatemala, Honduras, Ilha de Páscoa (Chile), Turquia, Grécia, Inglaterra, Escócia, Irlanda, Irlanda do Norte, País de Gales, Quênia, Dubai, Argentina (Patagônia, El Calafate e Ushuaia) e Índia, nós (Adriana Latorre e Paulo Casari, que somos casados há 5 anos) resolvemos encarar um novo desafio à altura: subir até o acampamento base do Everest, no Nepal, no ano de 2014. Após o planejamento todo feito, passagens e equipamentos comprados e uma preparação física adequada para a aventura, fomos surpreendidos com um terremoto de 7,4 graus de magnitude no Nepal, que devastou a região e deixou mais de 8 mil mortos. Pensamos em manter o roteiro, mas ao buscar mais informações e conversando com agências do Nepal, descobrimos que a cidade estava completamente sem estrutura e que havia muitos corpos sendo queimados ao ar livre, por não haver condições suficientes para enterrar todos. Com a consciência de que não haveria condições de tentar chegar na cidade, e que seríamos um empecilho dentro de um esforço de resgate de vítimas e recuperação das estruturas básicas (hospitais, saneamento, telefonia, etc), resolvemos mudar nosso destino. Mas não mudamos a nossa vontade de escalar uma montanha de grande altitude. Depois de muita pesquisa, conseguimos mudar a nossa passagem para a África para encarar o Kilimanjaro, o ponto mais alto do continente com 5.895 metros. Após cumprir com sucesso a nossa escalada, assim que chegamos em casa, em São Paulo, já começamos a conversar sobre a próxima viagem. E veio a pergunta: Por que não subir o Aconcágua, uma montanha com mais de 6.900 metros de altura?



Abaixo, a vista do cume do Aconcágua. Mas para chegar lá o caminho é longo e descorajador.

POR ONDE COMEÇAR?

A primeira etapa para subir o Aconcágua é encontrar uma agência que tenha reconhecimento e histórico de expedições em montanhas de grande altitude. O sinal de que uma agência é mesmo boa, é quando ela não permite que qualquer pessoa, mesmo que disposta a pagar, possa subir. O aventureiro precisa ter alguma experiência anterior em expedições de grande altitude, pois essas pessoas podem colocar a própria vida e a de terceiros em risco. Outro ponto essencial é a escolha do equipamento. Sim, você vai gastar um bom dinheiro, afinal, equipamento bom é caro e você vai precisar de ótimos equipamentos. Para ter uma noção de gastos, uma jaqueta de pluma de ganso, o material mais adequado para temperaturas abaixo de zero, custa aproximadamente R\$ 2 mil. Uma mochila adequada, para carregar 20kg, custa aproximadamente R\$ 1.500,00. Isso sem contar botas, saco de dormir, luvas, gorros, meias, óculos escuros, além dos itens não essenciais, como GoPro, carregador solar, power bank, cartão de memória (para não precisar levar o computador ou HD externo) e câmera fotográfica que resista à baixa temperatura. Um gasto de, no mínimo, R\$ 10.000,00 em equipamentos básicos, por pessoa.

Para subir e descer o Aconcágua, optamos pela rota normal, que é feita em até 17 dias. O Aconcágua é a montanha mais alta fora da Ásia, com 6.961 metros de altura, e, por extensão, o ponto mais alto tanto no Hemisfério Ocidental, quanto no Hemisfério Sul. Ele está localizado na Cordilheira dos Andes, na província de Mendoza, Argentina. Assim como o Kilimanjaro, o Aconcágua faz parte dos "Sete Cumes", as montanhas mais altas de cada continente.

DIA 01: CHEGADA A MENDOZA, ARGENTINA (ALTITUDE 900M).

Nesse dia, conhecemos as outras pessoas que faziam parte da expedição: brasileiros, um canadense, uma americana e uma italiana. Ao todo éramos 15 pessoas. Nosso guia fez uma conferência minuciosa de todo o nosso equipamento, afinal, estar sem algum equipamento necessário na montanha, poderia colocar a vida em risco, e lá em cima não existem lojas para poder comprá-los.

Ao lado, a equipe de várias nacionalidades que encarou o desafio. Abaixo, em Penitentes, a separação dos materiais que Paulo e Dri levaram e o que foi com as mulas.



DIA 02: PENITENTES (ALTITUDE DE 2.300M)

Fomos à secretaria de turismo pegar as permissões e viajamos para Penitentes, que fica a 3 horas de Mendoza. A parada em Penitentes também é importante para separar os equipamentos. Os leves, do dia a dia, nós levamos em nossas mochilas (aproximadamente 12kg nas costas) e os equipamentos mais pesados, (cerca de 20kg) que seriam utilizados a partir do dia 07, foram levados por mulas. Nesse dia, comemos muito no restaurante do hotel e a diversão da noite foi adivinhar quem estava voltando da escalada e quais pessoas tinham conseguido chegar ao cume. Ficávamos na dúvida se eram os que estavam felizes por terem chegado ao cume ou os cansados. Ou ambos. O dia 02 também ficou marcado por ser nosso último banho propriamente dito.

MENDOZA
▲ 900M

PENITENTES
▲ 2.300M



DIA 03: DE PENITENTES A CONFLUENCIA (3.300M DE ALTITUDE)

Confluencia, primeiro acampamento. Por 4 horas, caminhamos da base da montanha até ele. Andamos 7,9 km para subir 547 metros de elevação. Saímos de 37°C em Penitentes, para 14°C em Confluencia. Sempre que chegávamos a um acampamento, encontrávamos toda a estrutura pronta, barracas arrumadas, opções de alimentos, como frios, frutas, suco, água, tudo disponível para recuperarmos a energia para o próximo dia. Em média, queimamos aproximadamente 8.000 calorias por dia. Além da altitude, um dos desafios para chegar até o acampamento de Plaza de Mulass era a caravana de mulas. O caminho era estreito, comportando apenas uma

ANDAMOS 7,9 KM PARA SUBIR 547 M DE ELEVÇÃO. SAÍMOS DE 37°C EM PENITENTES, PARA 14°C EM CONFLUENCIA

pessoa por vez, andávamos em fila indiana e as mulas que levavam as bagagens, desciam e subiam por essa trilha em uma ponta de, aproximadamente, 15 mulas. A partir desse dia, bebíamos pelo menos 5 litros de líquido (água, suco ou chá), para ajudar na aclimação e evitar o mal da montanha, que é uma doença causada pela exposição excessiva à baixa pressão parcial de oxigênio e normalmente ocorre acima dos 2.400 metros. Para quem acha que come-se mal em montanhas, nosso jantar nessa noite teve lasanha, empanadas e tiramissu de sobremesa. Como a altitude era grande, a partir desse dia, começamos as medições de pressão arterial, batimento cardíaco e nível de saturação de sangue. Pelo nível de saturação, nosso guia conseguia identificar se estávamos bem hidratados ou não. Na montanha, a tendência é que a pressão arterial esteja elevada, o que dificulta a aclimação para as pessoas que já têm pressão alta e, por esse motivo, os alimentos eram

preparados com pouco sal. Nesses primeiros dias, pudemos constatar um fato que já é sabido: brasileiros não conseguem cumprir os horários combinados e, em um grupo de muitas pessoas, geravam atrasos de uma hora e desgastes na logística da expedição. Nesse dia, tomamos nosso primeiro banho de lenço umedecido e, durante a noite, fomos aproximadamente seis vezes ao banheiro para fazer pipi. A partir desse momento, nós colocamos o nosso relacionamento à prova, mesmo que de forma leve, já que foram muitos dias sem um banho apropriado.

Você encarava esse banheiro? Agora, os banheiros da rodoviária ou do estádio não parecem tão ruins assim.



“Realmente era necessário beber pelo menos 5 litros de água, porque quando o corpo detecta a baixa presença de oxigênio na atmosfera, começa a produzir mais glóbulos vermelhos. O aumento da presença destes glóbulos é o que faz com que o sangue fique mais espesso, podendo trazer problemas aos tecidos pulmonares e cerebrais. Para evitar esses problemas, devemos fazer com que o sangue se mantenha liquefeito através de hidratação. Beber água, certamente, é o que mais ajudará a aclimação.” - Adriana



Acima, guia faz exame em Adriana. Toda a subida depende de como seu corpo está respondendo. Abaixo, o perigo constante de ser atropelado por mulas.

DIA 05: DE CONFLUENCIA PARA PLAZA DE MULAS (4.300M DE ALTITUDE)

Até então, esse foi o dia que mais caminhamos. Foram 18 km para o acampamento base oficial do Aconcágua. Segundo os guias, essa caminhada seria o segundo dia mais árduo da expedição, ficando atrás somente do dia do cume. Subimos mil metros no segundo dia em que tivemos maior ganho de elevação na caminhada. A partir desse dia, começamos a sentir bastante os efeitos de falta de oxigênio (ar rarefeito). Sentimos muita falta de ar e cansaço para realizar as tarefas mais triviais, como levantar para ir ao banheiro, amarrar bota ou trocar de roupa. Esse tipo de atividade nos deixava sem fôlego. Nessa caminhada, passamos por trilhas de 20cm de largura e tivemos que encontrar uma forma de permitir que várias pontas de mulas passassem, dividindo o espaço conosco. Para isso, era



necessário escalar barrancos de areia e cascalho e, de alguma forma, evitar escorregar para não ser pisoteado pelas mulas. Os banheiros passaram a ser mais rústicos, feitos de latão, chapa de ferro com um buraco colocada no chão e uma lata para fazer cocô e xixi. Quando esses latões estavam cheios, vinha um helicóptero trazendo um latão vazio e levava o cheio até a base da montanha, que tinha uma estação de tratamento. Como estávamos a mais de 4.000 metros de altitude, levantar à noite para usar o banheiro já não era uma tarefa tão fácil e agradável, pela temperatura de mais ou menos 10°C, além do cheiro de podridão nos banheiros. Importante sempre ter álcool gel em mãos após utilizar o banheiro, pois não existia pia com sabonete. Na altitude, a resistência do corpo tende a baixar e a chance de pegar uma doença e uma infecção grave eram bem reais.

DIA 04: DE CONFLUENCIA A PLAZA FRANCIA (4.150M DE ALTITUDE) E CONFLUENCIA NOVAMENTE

Dia de aclimação, apenas para se acostumar com a altitude. Fizemos uma caminhada sem peso para a base da parede sul do Aconcágua. Como o desgaste calórico é alto, sua reposição é obrigatória. Para isso, existia uma barraca onde montamos nossos sanduíches e complementamos os lanches com chocolate, balas, bolachas, sucos e frutas. Caminhamos 7 km nesse dia e voltamos para Confluencia, onde passamos pelo posto médico e fizemos todas as checagens para avaliar se tínhamos condições de continuar com a expedição. Importante ressaltar que é um posto médico oficial e essa avaliação era definitiva para a continuidade da aventura ou não.





Acima, café da manhã e instruções do guia, antes de subir a Plaza de Mulas. No centro, o casal se aclimatando em Canada. Na página ao lado, o visual que superava qualquer fadiga ou efeito da altitude.

**DIA 06:
DIA DE DESCANSO EM
PLAZA DE MULAS**

Nesse dia, fizemos um curso, já no gelo, de técnicas de escalada com crampons (peça formada por um conjunto de pontas quem ficam presas na sola das botas para permitir caminhada segura, com tração no gelo). Foi o dia que experimentamos, pela primeira vez, uma bota chamada de "bota dupla", pois é feita em duas camadas. A primeira camada parece uma sapatilha, que tem como funcionalidade aquecer os pés. A segunda camada é uma bota de plástico, extremamente rígida, cada pé pesando aproximadamente 2kg, com a função de prender o crampon e proteger os pés. A bota mais desconfortável que já usamos em nossas vidas. Ficamos parecendo o Robocop andando. Após o curso, ficamos conversando, conhecendo as pessoas da expedição e ensinando o canadense a jogar truco. Foi um dia de integração.

**DUAS PESSOAS JÁ ESTAVAM
COM PRINCÍPIO DE EDEMA PULMONAR.
A COISA ESTAVA COMEÇANDO
A FICAR SÉRIA!**

**DIA 07:
ACLIMATAÇÃO PARA
O ACAMPAMENTO CANADA
(4.900M DE ALTITUDE)**

Quatro horas de caminhada. Dia de aclimação, aproveitamos para levar parte do equipamento e deixar no acampamento onde dormiríamos no dia seguinte. Em Canada, tivemos a noção de que, a partir daquele momento, teríamos que carregar todo nosso equipamento, equivalente a pouco mais 30kg. Bagagem que, provavelmente, comprometeria o nosso desempenho na expedição. Nós, e boa parte da expedição, resolvemos então contratar carregadores que levavam até 20kg de bagagem. Dividimos os 20kg entre nós dois e o carregador o levou pelos próximos três acampamentos. Pagamos 950 dólares por esse serviço, uma pequena fortuna e um gasto que pode parecer desnecessário. Mas quando se está a quase 5.000 metros de altura e com 30kg nas costas, poder abrir mão de 10kg com certeza é decisivo para o sucesso da escalada. Quando contratamos a agência, eles já nos avisaram sobre essa possibilidade e o custo por acampamento, por isso, nosso planejamento financeiro já contabilizava esse gasto. Não foi nenhuma surpresa. Nesse acampamento, já pegamos temperaturas de zero grau e negativas durante a noite. Ficamos uma hora aclimatando, tirando fotos, vendo o pôr do sol e depois descemos novamente para Plaza de Mulas. Nesse dia, duas pessoas já estavam com princípio de edema pulmonar (acúmulo de líquido nos pulmões, que leva à falta de ar). A coisa realmente estava começando a ficar séria!



**DIA 08:
PLAZA DE MULAS
(4.300M DE ALTITUDE)
DIA DE DESCANSO**

Fizemos um passeio de 1km até um antigo hotel, hoje em dia desativado. Ele sofreu uma avalanche que encobriu toda a edificação e, quando a neve derreteu, a água restante congelou e danificou toda a estrutura do estabelecimento. Aproveitamos para tirar fotos, conversar e hidratar e mijar, hidratar e mijar.



Você escarava esse banheiro? Agora o banheiro da montanha ou do estádio não parecem tão ruins assim.

**DIA 09:
DE PLAZA DE MULAS
PARA CANADA
(4.900M DE ALTITUDE)
EM DEFINITIVO.**

Nesse segundo trekking para o acampamento Canada, nós carregamos o restante do equipamento. Saimos de Plaza de Mulas às 10h e chegamos às 15h. Subimos de 4.300 metros de altitude para 4.900 metros. Aqui, começamos a sentir bastante as baixas temperaturas. Por estarmos numa parte mais alta da montanha, a área onde era possível montar acampamento ficava cada vez mais limitada pela diminuição do espaço, já que quanto mais você sobe, mais se afasta da base da montanha, mais ela afina. Por isso, já não era mais possível montar a barraca de refeitório, mas fomos recompensados com um delicioso estrogonofe preparado pelo nosso guia em sua própria barraca. Até hoje, não sabemos se

o estrogonofe estava realmente bom ou se o melhor tempero era a fome. Vale lembrar que continuávamos queimando mais de 8.000 calorias por dia. Uma informação importante que aprendemos - e que fez com que a gente se preocupasse bastante com a reposição das calorias perdidas - foi que o ganho calórico com os alimentos vai diminuindo com o aumento da altitude, até o ponto de se tornar negativo. Isso acontece quando se passa de 5.500 metros de altitude. Por isso, chamam essa faixa de zona da morte. Em outras palavras, o corpo só tende a se degradar acima dessa altitude.

Foi mais um dia sem banho, o amor sempre colocado à prova mais uma vez, mas tudo compensado com um dos pores do sol mais bonitos que já vimos na vida.



DIA 10: DE CANADA PARA NIDO DE CONDORES (5.600M DE ALTITUDE)

Ultrapassamos a barreira dos 5.000 metros nesse dia. O cansaço já tomava conta dos nossos corpos, apesar de estarmos bem aclimatados. Começamos a sentir a falta de oxigênio no ar. Mas, apesar do cansaço, o esforço era recompensado, pois as paisagens eram incríveis e a parceira entre nós dois era essencial para que um incentivasse o outro, num momento de cansaço extremo. Apesar da fadiga, estávamos muito bem, nossa relação estava ótima e nos sentíamos muito felizes em chegarmos bem ao penúltimo acampamento. Contentes, por percebermos que nosso corpo correspondia e que todo nosso treinamento e preparação física tinha valido a pena. Estávamos otimistas com as nossas chances de fazermos o cume.



DIA 11: DE NIDO DE CONDORES PARA COLERA (5.950M DE ALTITUDE)

Pode parecer pouco subir 350 metros, mas lembrem-se de que estamos falando de uma caminhada com pouco oxigênio, mais de 20kg nas costas e um cansaço acumulado. Em regiões de altitude zero (a elevação da cidade de Santos é de 2 metros), o nível da pressão parcial de oxigênio no ar atmosférico é de 760 mmHg (mmHg significa milímetro de mercúrio), já a 6 mil metros o nível desaba para menos do que a metade disso, 349 mmHg.

Não tínhamos mais o luxo de grandes refeições no café da manhã, almoço e jantar. Apesar de difícil, pois estávamos próximos aos 6.000m de altitude, foi uma caminhada incrível. Fizemos no nosso ritmo, o grupo já estava mais dividido entre os mais rápidos, moderados e mais lentos. Nos encaixamos nos moderados, pois gostávamos de parar para tirar fotos e apreciar a paisagem. Mais uma noite sem banho, mas mais uma noite onde nós dois, como um casal, estávamos realizados por termos cumprido mais uma etapa juntos. A partir de Plaza Canada, em função da baixa temperatura, as inúmeras idas ao banheiro (xixi) eram feitas dentro da barraca. Um (Paulo) usava uma garrafa de Gatorade de 2 litros e o outro (Dri) um urinol feminino (acessório que permite que as mulheres consigam fazer xixi em pé). Afinal, estávamos falando de temperaturas abaixo de zero e algo em torno de 5 a 6 idas ao banheiro durante a noite. Nesse dia, recebemos as instruções do guia de como seria a preparação para a tentativa de chegar ao cume. Começamos a almoçar e jantar comidas liofilizadas - é um processo usado nas indústrias farmacêutica e alimentícia para conservação, onde o alimento é pré-cozido, resfriado a dezenas de graus abaixo do seu ponto de congelamento e submetido a vácuo. Deixamos todo nosso equipamento preparado e tentamos dormir. Em virtude da ansiedade, acabamos dormindo mal.

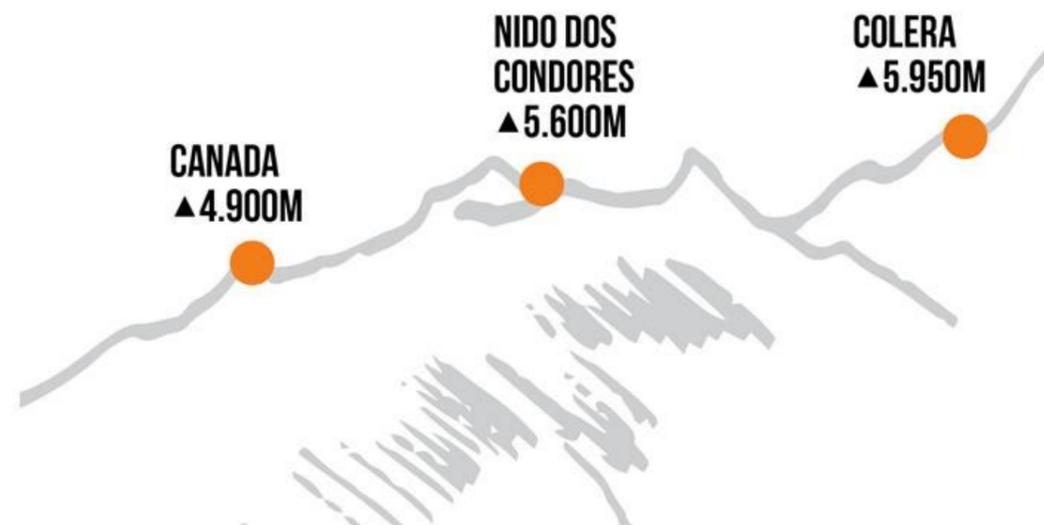


No topo da página, o guia e seu famoso estrogonofe. Acima, rumo a Nido de Condore, ao 10º dia. Na página ao lado, a vista panorâmica da barraca de Dri e Paulo. E no detalhe, o dia da subida ao cume.

DIA 12: DE COLERA AO CUME (6.963M DE ALTITUDE)

Acordamos às 4h da manhã, nosso guia passou com água fervendo para prepararmos o café da manhã, que era comida liofilizada. Vestimos nossa roupa com muita dificuldade, em função do pouco ar e muitas camadas de roupa, tínhamos que poupar todas as nossas energias. No caminho, nosso guia interrompeu a expedição de duas pessoas do grupo porque já estavam muito debilitadas. À medida em que íamos subindo, um certo enjoo, em função do pouco oxigênio, fazia com que não sentíssemos fome. Conseqüentemente, não nos alimentamos adequadamente, gastando muito mais energia e não conseguindo repor. Dri teve que fazer um lanche forçado nesse momento. Houve uma discussão com um dos guias, pois ele nos disse que não podíamos parar no local que estávamos por risco de avalanche, e teríamos que andar mais 40 minutos. Mas argumentamos que, para andar esses 40 minutos, precisávamos comer alguma coisa.

A Adriana se sentia fisicamente muito bem, apesar do cansaço, mas tinha desenvolvido uma tendinite patelar na sola do pé, causado pela o uso da bota dupla. A sola do seu pé estava parecendo um bife colocado numa chapa quente. Tendo em vista que caminhamos algo em torno de 6 horas e que, para chegar ao cume, seriam necessários pelo menos mais 3 horas (fora todo tempo necessário para retornar o acampamento), ela tomou a corajosa decisão de não tentar chegar ao cume.



Quando começamos a viagem, combinamos que se algum de nós desistisse, o outro não tinha que se sentir culpado e também desistir. Mas, infelizmente, a dor que ela sentia era imensa e tivemos a certeza de que foi a decisão correta. Eu confesso que, pela disposição que mostrou durante toda a escalada, não achei que seria ela a desistir.

Eu segui em frente e, 4 horas depois, consegui chegar ao cume. Permaneci lá por menos de 10 minutos em função do cansaço, falta de oxigênio e a certeza de que agora tinha chegado na pior parte: descer até o acampamento de Colera. No total, demorei 15 horas para percorrer os 8km de distância e ascender os 1.012 metros que separam Colera do cume. A decisão da Dri foi corajosa, pois ela tinha que chegar ao acampamento de Colera. Mas também porque, no dia seguinte, ela ia descer do acampamento a 5.950m direto para Plaza de Mulas, a 4.300m. Uma caminhada de mais de 8 horas. Depois, descer até Confluencia, uma caminhada de aproximadamente 35km que é feita em algo em torno de 10 horas. Fiquei muito chateado quando ela tomou a decisão de desistir, pois fisicamente ela estava melhor do que eu.



Paulo, no cume da montanha.
Dever cumprido. Abaixo, Dri e Paulo no fim da descida de volta. Mais unidos que nunca.

Mas, infelizmente, um problema fora do nosso controle fez com que ela tomasse essa séria decisão. Para mim, o melhor momento da viagem foi quando, depois das 15 horas de caminhada, estava a mais ou menos uns 100m do acampamento de Colera descendo do cume, e vi a Dri me esperando, para ter a certeza de que eu estava bem. Eu completamente esgotado, ela também, mas mesmo assim teve forças para me esperar e me ajudar a tirar todas as roupas e me dar comida, dizer que me amava e estava orgulhosa por eu ter conseguido chegar ao cume. Por sorte, havia um anestesiologista na expedição que medicou a Dri para que ela tivesse condições de completar a expedição por conta própria.



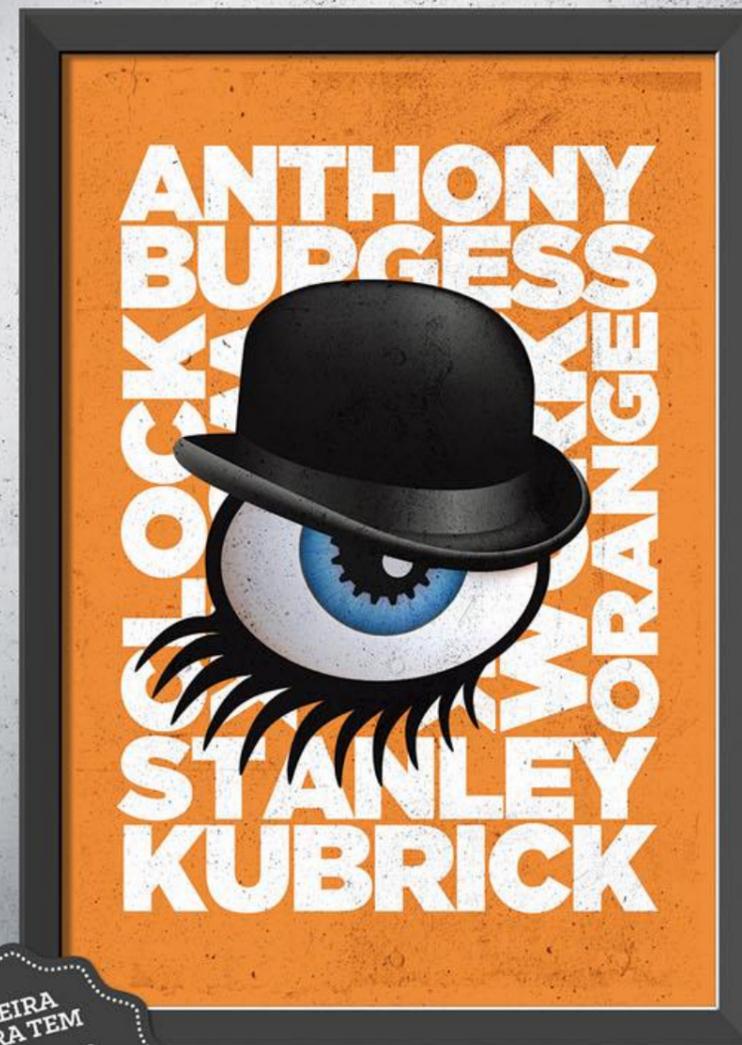
Os dois dias de descida até Confluencia foram repletos de tranquilidade, uma paisagem incrível e um sentimento de companheirismo ímpar. Ao chegar em Confluencia, pegamos uma van direto para Mendoza, onde dormimos praticamente o caminho todo e só acordamos para jantar em uma churrascaria, como animais famintos. De lá, fomos direto para o hotel, onde tomamos nosso primeiro banho depois de 15 dias e dormimos 12 horas em um sono pesado, porém merecido.

JUNTOS SEMPRE

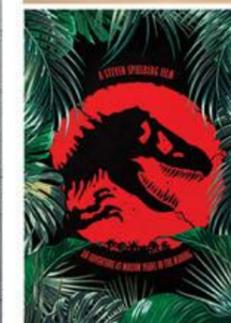
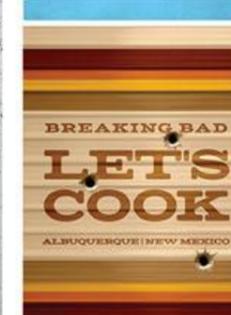
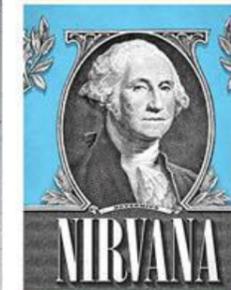
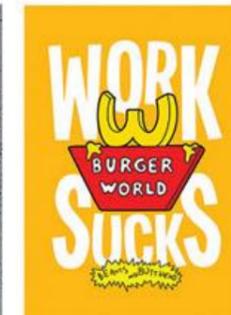
Certas coisas na vida foram feitas para serem vivenciadas na companhia de quem você mais gosta. De quem traduz o que realmente significa ser companheiro. Escalar uma montanha certamente é uma delas. Imagino que existem poucas experiências na vida onde o sentimento de individualidade é tão compartilhado: dias sem banho, xixi dentro da barraca, torcer pelo sucesso que não é o seu, e tudo isso feito de uma maneira verdadeira e com um sorriso no rosto de quem está realizando um sonho. As pessoas nos perguntam por que gostamos tanto de viajar para roteiros não tão tradicionais, e a resposta vai além da questão cultural, é a melhor forma que encontramos de estarmos 100% juntos, de passarmos por dificuldades que só fortalecem o nosso relacionamento, a parceria e a vontade de juntos explorarmos o mundo. É possível escalar uma montanha sozinho? Sem dúvida! Mas quer uma dica? Faça com quem você ama. **TV**

CUME
▲ 6.963M

Que tal lá na sua casa?



PRIMEIRA COMPRA TEM
5% OFF
USE O CÓDIGO: FIRST-OLA



TU TEM O QUE FALAR

NA BATIDA DO TAMBORÉU

texto e fotos
\\ thiago souto

Toc!
///



**TÃO SANTISTA
QUANTO AS MURETAS
DA PRAIA OU FALAR TU**

Quem tem como rotina caminhar pela areia das praias de Santos pela manhã, já se acostumou com um toc-toc inconfundível. As batidas ecoam pelo espaço aberto da faixa de areia e podem ser ouvidas de bem longe. É o som das partidas de tamboréu, nas inúmeras quadras desenhadas na areia batida mais próxima ao mar, que é uma marca registrada da nossa cidade.

O inconfundível som de uma partida de tamboréu ecoa como uma batida de coração. O coração das praias de Santos.



QUEM FAZ O ESPORTE

Aqui em Santos, são inúmeros clubes. Foi exatamente em um deles que fomos bater um papo com a galera que pratica este esporte e entender um pouquinho mais deste universo. Fomos acompanhar o primeiro torneio interno da Associação Esportiva Ástrea, em comemoração ao seu primeiro mês de existência. E, logo de cara, se vê que é um esporte extremamente democrático. Diferenças de idade, altura, sexo e até uns quilinhos a mais, não eram empecilhos para que a galera pudesse se divertir numa boa. O organizador, Mauricio Fernandes, que entre uma partida e outra vinha bater um papo com a gente, deixa isso bem claro. “No clube, nós temos iniciantes e até categoria A. Por exemplo, eu estava jogando com um senhor de 81 anos de idade. Para você ver!”, diz ele mostrando seu parceiro de dupla que havia acabado de jogar uma partida debaixo de um sol quente, mas pronto para mais uma.

NA DÉCADA DE 30, DOIS IRMÃOS ITALIANOS BRINCAVAM COM ASSENTOS DE CADEIRAS E UMA BOLA. O TEMPO PASSOU E, 80 ANOS DEPOIS, A “BRINCADEIRA” CONTINUA VIVA.

Este esporte, que lembra o tênis mas é jogado com algo parecido com um pandeiro (o tamboréu, que dá nome ao esporte), é legitimamente santista. Nasceu nas areias da cidade, na década de 30. Dois irmãos italianos, os Danadellis, batiam e rebatiam uma bolinha, um para o outro, com dois assentos de cadeiras. Sem quadra, sem regras, sem nada. Só por pura diversão. Depois de algum tempo, foram criados clubes e regras para atrair mais praticantes. Nascia aí o que viria a ser o primeiro esporte criado no Brasil.

Além disso, santistas levaram o esporte para Pernambuco e para o Paraná, onde há equipes batendo bola. Fora do país, na Argentina e no Uruguai, o esporte é praticado como aqui em Santos, com os discos de madeira. Pois é, já virou produto de exportação.

Não é por que o torneio é amistoso que não tem que vibrar de verdade. Às vezes, quando o ponto é sofrido, vale uma vibração um pouco exagerada, que depois vira risada.

Aliás, hoje o esporte não é mais exclusivamente santista. O tamboréu é bastante praticado em diversas cidades paulistas, como na Grande São Paulo e Campinas.



Toc!
//

Sexo frágil? No tamboréu não tem nada disso. Aqui as mulheres jogam. E jogam muito!

TU TEM O QUE FALAR

A pluralidade clara das 12 duplas que participavam do torneio, era um dos motivos para a grande sensação de amizade e cumplicidade que transparece entre os atletas. O pessoal faz brincadeiras e dá risada. Não que, uma vez ou outra, o clima não esquente durante uma disputa de ponto mais acirrada, mas nada que não possa se resolver com um abraço ou aperto de mão no churrasco depois do final do torneio.

EQUIPES DE SANTOS JÁ FORAM CAMPEÃS ATÉ FORA DO PAÍS. NADA MAIS JUSTO, AFINAL O ESPORTE NASCEU AQUI.



E COMO FAZ PRA JOGAR?

Basicamente, o tamboreú é um esporte jogado por atletas posicionados em cada metade de quadra, dividida por uma rede. O objetivo de cada um é lançar a bola ao campo adversário sobre rede, sem que este possa devolvê-la e evitar que faça o mesmo. Em todas as suas variantes (simples, duplas e equipes), a contagem terá dez pontos em cada set, que só se encerra com dois pontos de diferença ou no 16º, e tem um total de cinco set. Os pontos são marcados quando a bola toca o chão entre as linhas ou nas linhas da quadra, ou quando o adversário comete um erro, como acertar a bola na rede ou errar a quadra adversária.

NÃO TEM IDADE, NEM SEXO E NINGUÉM LIGA PRA BARRIGUINHA. SÓ PRECISA QUERER JOGAR O TAMBORÉU.

Curtiu? Ficou curioso para ver como é? Comece a frequentar as quadras montadas todas as manhãs pelas praias de Santos. Outra opção é procurar a escolinha de tamboreú da Prefeitura de Santos, localizada no Posto 2, ou acessar a página no Facebook da Ástrea para fazer parte desta galera. Não tem idade, nem sexo, só precisa ter vontade de jogar. **TU**

No topo da página ao lado, Mauricio manda a bola para o outro lado. Além de organizar o evento, ele ainda jogava com sua dupla. Ao lado, os participantes do 1º Torneio do Ástrea. Abaixo, com 81 anos e muito fôlego para jogar o bom e velho tamboreú.



Essa ideia nasceu durante outro evento organizado por ele, o torneio de comemoração dos 80 anos do tamboreú, em janeiro deste ano. O torneio conseguiu reunir os principais praticantes do esporte de diversas cidades, além das quatro federações que gerem a modalidade, e homenageou todos que fazem parte da história do tamboreú. Sejam os clubes, os atletas, os árbitros e até os artesões que fabricam os discos de madeira. Foi uma grande festa com muito tamboreú.



Toc!
///

O CLUBE

Mauricio comenta que a ideia de criar o Ástrea foi resgatar o pessoal que costumava praticar o esporte e tinha vontade de voltar a jogar. “Tem muita gente aqui hoje que não jogava tamboreú há mais de 20, 25 anos, e que foram campeões na época de juvenil. Tem cara aqui que foi campeão até fora do Brasil”, comenta. O próprio Mauricio é um campeão mundial da modalidade.

QUEM FALOU TUDO

A galera da nossa região tem histórias para contar. E a TU tem o orgulho de ter entrevistado algumas destas pessoas que fazem e acontecem aqui na Baixada Santista. Seja começando na raça, como o músico Renan Rocha, que vende seus CDs na rua com um cartaz, ou caras como o Serginho Chulapa, que é ídolo não só de uma, mas de duas torcidas de times grandes do Brasil. São histórias de vida, de superação e de conquistas pessoais que valem muito a pena serem compartilhadas, pois servem de inspiração para que a gente escreva a nossa história. Por isso, vamos lembrar alguns trechos das entrevistas deste 1 ano de TU para celebrar quem faz a sua história.



RÊ TU#001 ROCHA

TU – De onde surgiu a ideia de vender o CD nas ruas?

Rê Rocha – Então, cara, eu estava morando em BH ainda, né? Eu já tinha um CD lançado na internet. E eu queria me jogar de uma vez por todas na música. Já não estava mais aguentando trabalhar de segunda a sexta em uma agência e sábado e domingo me dedicar à música. Eu achei que estava faltando muito tempo ainda para eu me dedicar mais para aquilo tudo virar. É o lance de se entregar 100%. Tem que se entregar 100% para a coisa virar. Eu pensei em imprimir o CD que eu já tinha lançado na internet e, a princípio, era mais para vender para a galera mais conhecida. Aí, eu comecei a ter a ideia de começar a viver realmente disso, pagar as minhas contas vendendo CD. Aos poucos eu fui me ajeitando, saí do trampo, mandei pensar os CDs e fui para a rua. Eu pensei em um lugar que tivesse um fluxo maior de pessoas. Daí pensei logo no farol, que o cara vai estar com o som

ali do lado dele, vai comprar e já vai escutar. Aí a ideia foi essa.

TU – Como foi a galera dos carros e o público em geral? A galera curte, compra, dá retorno?

RR – Cara, dá tudo isso que você falou. Tipo, a cada vinte minutos eu consigo vender um CD ali. Demora um pouquinho, mas a galera que compra, 95% da galera que compra o CD volta só para falar que o som é legal. Tem gente que passa levantando o CD no carro. O carro está vindo lá no outro farol, o cara já liga no talo. Já escuto a música vindo lá debaixo (risos). Já vem buzinando. Tem gente que não tem dinheiro no carro, sabe? E tem umas moedas de pedágio. Eles vão e me dão as moedas, mas com muita vergonha. E eu aceito muito bem, porque, pô cara, ele está querendo escutar minha música.

LUCAS E JORGE

MALVADÃO

TU#002

foto e texto
\thiago souto

TU – Há quanto tempo você anda de skate, de carveboard?

Jorge Malvadão – Esse ano, 2016, fazem 10 anos que eu pratico carveboard. Começou numa brincadeira, dos dias flat que não tem onda, a galera da praia subia de skate longboard pra fazer um rolê aqui na Ilha. E como eu sempre andei de skate, desde molequinho até antes do surf, e tinha uma facilidade de andar no downhill, comecei a andar. Daí conheci o carveboard na sequência, aí já era.

TU – E você, Malvadinho, anda desde quando?

Lucas Malvadinho – Desde de 2 anos.

TU – É uma coisa de família.

JM – E agora ele pegando onda também, tá mais grudado ainda. E pra tu, qual a sensação de andar com tem pai, de pegar onda com seu pai?

LM – É legal.

JM – Pra mim é um sonho.



FILIFE

TU#003

NASCIMENTO

foto e texto
\fernando de santis

TU - Como surgiu a ideia do canal "Micro Sobrevivência"?

Filipe Nascimento - Quando eu me mudei do Guarujá para São Paulo, eu não tinha fogão. E aí fui procurar na internet as coisas que existiam de fogão e dava para fazer no microondas, o que tinha no YouTube. Na época, só encontrava receitas de brigadeiro, arroz e ovo. Não dava para fazer muita coisa juntando esses três. Aí comecei a testar, fazer uma coisa, outra, consegui fazer um bife e pensei "se consigo fazer um bife consigo fazer frango". E aí fui pros pratos.

TU - Você fez algum curso?

FN - Não. Nunca fiz curso. E acho importante esse laboratório que faço, pois como sou o único no mundo que faz isso, não tenho como pesquisar no YouTube ou Google pra ver como fazer alguns prato. Então acabo tendo que tentar. Vira um trampo mais de "cientista", de alquimia.





TU - Serginho, você escolheu Santos para viver. Por que Santos?

Serginho Chulapa - Eu, quando saí do São Paulo, estava indo pro Flamengo. Eu nunca tinha vindo pra Santos. Tinha vindo duas vezes jogar contra a Portuguesa Santista e contra o Santos, mas o meu negócio era São Paulo. Eu tava indo pro Rio de Janeiro, pro Flamengo, já tava tudo certo, mala pronta e tudo, passagem comprada. Aí, meia noite, o Dallora, que era presidente do São Paulo na época me ligou e falou: "O Santos tá te querendo..." e eu, santista de coração, falei: "O que, doutor? É verdade?" e ele confirmou.

minha opinião, quem melhor tava jogando, apesar da gente ter ficado em segundo lugar, foi o Santos. Um time que joga pra frente, um time que joga bonito. Muita gente que não era santista gostava de ver o Santos jogar. Queria que os outros times tivessem essa mesma pretensão que o Santos teve, pra voltar o futebol bonito. Porque você vê cada jogo, com 50 passes errados de cada lado, gol só de bola parada...

TU#005
**SERGINHO
CHULAPA**

foto e texto
\ thiago souto

"É verdade, o Teixeira (Milton Teixeira, presidente do Santos na época) me ligou agora e eles querem te ver lá...". Eu falei: "Então tá bom, tô indo pra Santos...". Aí ele perguntou: "E o Flamengo?". "Esquece o Flamengo, esquece tudo, tô indo pra Santos. É Santos que eu quero!". Ele falou: "Mas eu não acertei nada de dinheiro!" e eu: "Não, a gente acerta de lá". No outro dia, eu já tava em Santos, local que estou há 33 anos. Lugar pra viver espetacular. Quem fica aqui se identifica com a cidade. E quem vai embora se arrepende de não ter ficado ou pelo menos de não ter comprado um apartamento aqui em Santos.

TU - Você acha que o folclore do futebol acabou?

SC - Acabou! Eu e o Luis Pereira fazíamos aposta no jogo. Caminhão de mantimento pra quem perdesse, doar. Fazia com o Juninho, com o Jorge Mendonça. Eu entrei de fraque uma vez no campo pra ter alguma coisa diferente... hoje não, hoje é muito monótono, não é? Tá muito aquilo, eles entram em campo para fazer aquelas correrias, pra fazer... você não vê mais aposta. Você não vê mais futebol. Na

TU - Mudando de assunto. E a época em que você resolveu gravar um disco?

SC - Rapaz, a ideia do disco surgiu do Eriberto, um amigo meu, falecido, que Deus o tenha. Ele achava que eu cantava. Falei: "Caramba, você tá de brincadeira!" E ele: "Não, vamos fazer um LP", na época (risos). Pô fazer um disco!? Tá bom. Aí fomos fazer. A Adidas patrocinou, fizemos capa, tudo legal. Tudo direitinho. Fiz dois shows. O primeiro show que nós fizemos foi o Sorocaba, nós fomos roubados! Uma merda. Eu falo pros caras hoje. Eu, antes do show em Sorocaba, saí pra tomar cerveja, aí disseram, que mel era bom

pra garganta de artista, né? Bom pra afinar as cordas vocais... até hoje eu falo, eu peguei uma diabetes por causa disso! Me davam um litro de mel! (risos). Eu brinco com os caras, mas é verdade! Tenho diabete hoje por causa disso, de querer ser cantor. Não dá! O disco era ruim demais! Eu tava no escritório, aí chegou um cara lá com a filha dele. Eu tava de chapéu, o cara não me reconheceu, aí perguntou pro Eriberto assim "Você tem um disco do Serginho?" e ele "temos sim, tem bastante", aí o cara tirou o LP (o vinil), deixou em cima da mesa e o Eriberto perguntou "você vai levar o que? Não vai levar o disco?" e ele "Não, minha filha só gostou da capa!". A capa já vinha assinada, deu uma raiva, fiquei quieto, ele não me reconheceu... mas foi válido, tirei uma onda, Nossa Senhora... como cantor eu fui um excelente jogador.





foto e texto
 \fernando de santis
 \thiago souto

TU - Como é ver a prancha que vocês fazem aqui rodando o mundo?

Teco - É um sonho... eu falo pro Tico direto, estamos vivendo um sonho. Quando a gente vem trampar, estamos vivendo um sonho de criança que a gente tinha, de fazer prancha. Ter isso com trinta e poucos anos, ter um atleta no circuito mundial (Ítalo Ferreira)... no Brasil nunca teve isso. Sabemos da importância de ter um atleta para te representar, usar sua prancha, para testar modelo, para poder colocar o modelo no site. Não é só inventar o modelo. Da prancha mais ecológica que estamos fazendo agora, gastamos muito dinheiro para produzir, até chegar no peso certo, na química certa... é um sonho! Vivemos um sonho "com" o Ítalo. É o mais profissional possível. Hoje ele tem a estrutura que é nível mundial. Sou suspeito para falar na questão de durabilidade, mas o Ítalo está há dois anos no circuito e nunca separou uma prancha no meio. Tem técnicas que a

gente usa que nenhum ali está usando. Conhecemos as pranchas de todos e algumas técnicas de laminação que a gente faz se equiparam às dos caras, mas algumas que a gente tem são melhores em algumas ocasiões.

TU - E o que vocês diriam para o pessoal que quer começar com esse trabalho de fazer pranchas?

Tico - Tem que acreditar, como qualquer coisa, tem que se esforçar e ver realmente se você tem jeito pra coisa ou não. Levo mais jeito para esta área? Vou

trabalhar mais nesse sentido. Hoje em dia o mercado do surf se expandiu. Você não precisa só fazer a mesma coisa. Tem pessoas que são especializadas em pranchas mais *old school*. Um trabalho mais voltado não tanto para a performance. Então, dentro do mercado, existem muitas variáveis, é encontrar o que mais agrada e correr atrás. Hoje o mercado está muito mais aberto pra várias possibilidades. Eu aconselharia a ver o que mais agrada e mandar bala. O mercado está aí para quem trabalha direitinho e trabalha com prazer. Sempre tem espaço.

ADRIANO

TU#004

TECO E SYLVIO TICO

TU - Às vezes vocês passam mais tempo na estrada do que com a família...

Gustavo Veríssimo: Pois é, nessa viagem do Ushuaia, aconteceu um fato... Eu gosto de andar na terra, só que estou aprendendo agora. E no último dia, estávamos chegando no Ushuaia, eu abusei. Abusei na velocidade e na questão de respeito ao lugar que estava. Colocaram tanto medo do Rippio no Chile e Argentina e, quando vi que era uma terra dura com um pouco de pedra e que a moto não desgarrava, comecei a acelerar. Quando faltavam uns 450 km para chegar no Ushuaia, tomei um grande tombo. Quando caí, rolei e falei "Nossa!". Fiquei deitado no chão e eles dois (Luciano e Leonardo) estavam atrás de mim, pensei "eles vão chegar e me ver deitado, vão ficar assustados". Resolvi ficar em pé pra mostrar que estava bem, mas quando levantei, senti e pensei "Quebrei a perna!". Eles chegaram perguntando "O que aconteceu?", eu falei "Levante a moto e vamos embora!", eles

levantaram, eu subi e... fui chorando 450km. Cheguei no Ushuaia com a fibula quebrada e ligamento rompido em três lugares. Vi que teria que voltar de avião. Seguro nenhum vai te resgatar a 5 mil quilômetros de casa. No dia seguinte em que fui pro hospital, coloquei no grupo "aí galera, se alguém quiser vir aqui buscar a minha moto de avião, eu pago a passagem e volta junto com eles". Eu ainda comentei que as pessoas estavam trabalhando, não iam conseguir e foi tão engraçado. Eles falam que eu sou o ogro, mas nesse dia eu até chorei. Teve briga entre os participantes pra ver quem iria buscar a minha moto! Achei que ninguém iria poder. Teve confusão! Acabou indo o Marcelo Trettel, que é um menino que anda muito bem de moto. A meta, que era chegar em três dias, eu cheguei, mas eu não fiz a volta. Voltei de avião para operar. Então, a gente mesmo longe da família, acaba ficando um tempão com essa outra família que formamos. **TU**

GS22

ADV RIDERS

TU#006

foto
 \gs22 adv riders
 texto
 \thiago souto



TUDO PODERÀ ELAS

REUNIMOS
TODAS AS
GATAS QUE
POSARAM
NA TU

“Não existe mulher comum. Toda mulher é única.” Esta frase, dita pela fotógrafa Autumn Sonnichsen, representa tudo o que nós, da Revista TU, pensamos sobre as mulheres. Cada uma das mulheres que estampou nossas capas tem uma história para contar. Mas todas têm algo em comum. Não porque elas são lindas (e como são lindas!), mas pelo fato de que elas têm certeza que são donas do seu próprio nariz. Nariz, boca, peito, barriga, bumbum... O corpo todo é delas e o que elas fazem com ele é problema só delas. Para elas, o que você acha não tem importância. O que importa é estarem confiantes com o seu corpo. E nós nos orgulhamos de fazer parte deste momento. Cada click que fazemos é um brinde à autoestima destas mulheres poderosas. Que cada ensaio que a TU publica seja um incentivo para que as mulheres saibam que seu corpo é delas e de mais ninguém. E não vai ser um namorado ciumento ou uma amiga invejosa que impedirá que estas mulheres sejam lindas e, muito mais importante que isso, livres para fazer o que quiserem.

fotos e textos
\fernando de santis
\thiago souto
maquiagens
\aline malafaia
instagram.com/alinemalafaia
\isabelli moraes
instagram.com/isamoraesq

Amanda Carvalho foi a nossa primeira gata. Não sabia como seria a revista, seu formato e nem imaginava como as fotos seriam apresentadas, mas confiou no nosso trabalho, confiou na nossa palavra. Ela tem o coração sereno, tem intuição, está de bem com o corpo e se expressa com ele através da dança. Sempre tem algo positivo para nos falar. Orgulho ter começado com o pé direito dessa morena linda.



AMANDA CARVALHO

TU#001





TU#002
**CAROL
ARCHANJO**

Carol Archanjo, ou, como chamamos na redação, simplesmente Archanjo. Anjo. Foi o primeiro ensaio profissional da Archanjo e se saiu muito bem. Não interpretou nada, estava tranquila, leu um pouco do livro, observou o casal de velhinhos no prédio em frente enquanto estava atrás da cortina na sacada... Só fingiu tomar o café quente na caneca. Não havia café, era água.



**KAROL
OREFICE** TU#003

Karol Orefice ou Orefice ou apenas Ká. Depois da reunião pré-ensaio descobrimos que ela é decidida, fala o que quer fazer, o que não quer fazer e ponto. Olha no fundo dos seus olhos. Se para muitos poderia ser assustador ter que trabalhar com uma pessoa tão decidida, para nós, foi uma vantagem. O ensaio fluiu de forma incrível, ela estava gostando de fotografar e nós viramos um time entrosado, que jogava junto há anos. Ká nos fez o bolo *fake* mais gostoso de todos os tempos e nos entregou um ensaio delicioso.





ALINE GOMES

TU#004

Aline Gomes abriu a porta do seu apê e nos ofereceu uma cerveja gelada com sua voz doce. Como não se entusiasmar? Uma pena não ter aceitado a cerveja, estávamos a serviço. Enquanto fazia as fotos se olhando nos espelhos espalhados pela sala, era escoltada pelo então pequeno John, seu gato siamês, que hoje já deve estar bem maior, parecendo uma pequena pantera. Aline é bailarina, nos deu um ensaio de ballet incrível, que ainda está guardado para um projeto futuro. Curiosos? Aguardem...



“Paola Sato, queremos fazer um ensaio com você”, e ela nos perguntou: “Vocês têm certeza que estão falando com a pessoa certa?” – Como não? Japonesa do Japão, autêntica, de voz baixa, fala rara, mas um furacão, de parar a praia. Outra modelo que fez sua estreia em um ensaio profissional com a TU. Tudo deu certo no ensaio, a praia estava linda, a areia estava branca, o céu azul, o sol brilhando e ela linda.



PAOLA SATO

TU#005



Bruna Donadio veio aos 45 minutos do segundo tempo. A revista estava pra sair, mas tivemos que fazer outro ensaio de última hora e, como uma perfeita obra do destino, ela nos procurou para falar das nossas fotos. Fizemos o convite e ela aceitou, disse que faria bem para ela, seria bom para a auto-estima. E foi bom para ela e para nós. Uma garota autêntica e muito divertida. Primeiro ensaio profissional e já parecia algo corriqueiro, posou brincando e fazendo caretas. Certamente foi o primeiro de muitos. Um golaço nos acréscimos. **TU**

BRUNA DONADIO

TU#006



ASUA OBRA DE ARTE VOCE É

ETERNIZE O SEU MOMENTO

Toda a qualidade e delicadeza dos ensaios da Revista TU só para você.

Faça um ensaio com nossa equipe de fotógrafos e maquiadoras.

Ensaio Sensuais | Books Profissionais | Portfolios

SAIBA MAIS EM REVISTATU.COM.BR

NÃO SABE O QUE FAZER COM AQUELE MONTE DE CHOCOLATE QUE SOBROU DA PÁSCOA? DEGUSTE

COM CERVEJA!

 **THAYS CARDOZO**

Thays é apaixonada por cerveja e Beer Sommelier formada no Curso de Sommelieria e Educação Cervejeira do Instituto da Cerveja.



Quer falar de coisa mais gostosa do que chocolate? Agora, imagine harmonizar com cerveja... Isso mesmo, uma das harmonizações mais gostosas e bem sucedidas: chocolate com cerveja!

Aqui vão algumas dicas para fazer dessa experiência uma sensação única, para que o consumo desses dois elementos juntos seja melhor do que individualmente. A harmonização de cerveja com chocolate funciona, principalmente, por dois conceitos básicos: semelhança e contraste.

No primeiro, as notas de chocolate/cacau se assemelham, intensificando o sabor em ambos. Como exemplo, uma torta mousse de chocolate e uma Russian Imperial Stout. Uma dica de um outro estilo é a Monjolo Imperial Porter. Com espuma bege e cremosa, ela é uma cerveja de coloração preta com aroma de chocolate meio amargo, café, caramelo e notas de tosta. Na boca, corpo médio/alto e aveludado, sabor condizente com o aroma e leve toque de baunilha. Amargor médio com final equilibrado, deixando uma sensação aquecedora devido seus 10,5% ABV.

No segundo conceito, os sabores opostos acabam valorizando a ambos, como o brigadeiro de chocolate branco com Fruit Lambic, onde a doçura da fruta contrasta com a acidez. Uma boa escolha é Lindemans Framboise, uma tradicional cerveja com framboesa que usa como base uma Lambic. Lambic é uma cerveja tipicamente belga, exclusivamente produzida na região de Bruxelas. As leveduras selvagens locais causam uma fermentação espontânea. Após 1 ou 2 anos em barris de carvalho, framboesas selecionadas e suco de framboesa são acrescentados e resultam em um sabor fresco, frutado e delicado.

Agora que você já pegou essas dicas, faça suas receitas favoritas com chocolate, harmonize com cerveja e escreva para nós sua experiência. Marque @revistatusantos nos comentários e mostre suas habilidades #eusoutu 

textos
\\ thays cardozo

foto
\\ thiago souto

NA HORA DE HARMONIZAR CERVEJA COM CHOCOLATE, VOCÊ PODE IR POR DOIS CAMINHOS: SABORES SEMELHANTES OU OPOSTOS



TU NA COZINHA

UM PRATO ESPECIAL PARA UMA DATA ESPECIAL

COM O CHEF DANILO ROCHA



O chef Danilo Rocha comanda a cozinha do Mucha Breja Beer Store, em Santos, é o fundador do buffet Chef Prime: Inteligência Gastronômica e participou do programa Food Truck a Batalha, do canal GNT.

Para celebrar o 1º aniversário da Revista TU, o chef Danilo Rocha criou uma receita digna de comemoração. Apesar de parecer pouco mais elaborada, seu preparo é muito simples e fácil de fazer. Perfeito para você fazer em uma data especial e ficar bem na foto. Por isso, fazemos um convite. Se arrisque na cozinha para executar a receita do chef Danilo, faça uma foto do resultado e compartilhe com a gente em nossas redes sociais com a hashtag #eusoutu. Queremos ver a galera fazer bonito. Bom apetite!



CARRÉ DE CORDEIRO COM CUSCUZ MARROQUINO

Carré de Cordeiro (Marinado)

INGREDIENTES

- 1 carré de cordeiro
- Folhas de hortelã
- Mostarda dijon
- Sal e pimenta do reino

MODO DE PREPARO

Limpe os ossos do carré, tempere e deixe marinando enquanto prepara o cuscuz. Optamos fazer o carré em pedaços, mas você pode escolher fazê-lo inteiro, sem problema.

Cuscuz Marroquino

INGREDIENTES

- 2 xícaras de água
- 1 folha de louro
- 2 colheres sopa de manteiga
- Sal e pimenta do reino
- 1 tablete de caldo de legumes
- 2 xícara de cuscuz marroquino
- Raspas de limão siciliano
- 3 colheres de sopa de uvas passas
- 2 colheres de sopa de xerém de castanha do caju
- Folhas de hortelã
- ½ cebola roxa



MODO DE PREPARO

Em uma panela, misture os 5 primeiros ingredientes do cuscuz e leve ao fogo até ferver. Quando atingir o ponto de fervura, adicione o cuscuz. Desligue o fogo, tampe a panela e deixe hidratar. Depois de esfriar, acrescente as raspas de limão, as uvas passas, o xerém, as folhas de hortelã e a cebola roxa. Regule o sal e coloque um pouco de azeite. Está pronto!

Carré de Cordeiro (Frigideira)

INGREDIENTES

- 2 colheres de sopa de manteiga
- 1 folha de louro
- Azeite de oliva

MODO DE PREPARO

Sele os dois lados do carré até ficar bem dourado por fora. Acerte o sal, se necessário. Então, monte o prato com o cuscuz embaixo e disponha o carré em cima, entrelaçando os ossos. Agora é só comer!

E PARA BRINDAR
CONO SUR
BICICLETA
CARMENÉRE
POR NÍCOLAS PÓVOAS



Vinho tinto da região do Valle de Colchagua no Chile. A uva carmenère é a casta emblemática deste país, que produz os melhores exemplares da América do Sul. O vinho tem cor rubi intenso com reflexos púrpuros, aroma de frutas vermelhas (como morango e cereja) e notas de especiarias, que realçam os sabores do cuscuz. No palato, se apresenta frutado e suculento, com acidez equilibrada e excelente estrutura para suportar o sabor forte do carré de cordeiro. Deve ser servido entre 16°C à 18°C e não há necessidade de decantá-lo, pois o vinho está no seu auge. **TU**

TU COMEU

BURGER MADE IN SANTOS



BASE EM SANTOS

por \ thiago souto

A galera de Santos têm embarcado numa vibe de bares mais descolados. Ambientes multitarefas para que você possa comer uma paradinha gostosa, beber uma cerveja gelada ou drink rebuscado e, principalmente, interagir com a galera à sua volta e trocar experiências, além de oferecer exposições, lojinhas, workshops e por aí vai. É a galera reparando que um bar pode oferecer bem mais do que só porção de frango à passarinho e cerveja. Inserido nessa onda, está a Base. Um quintal a céu aberto de uma baita casa no Gonzaga, com ar meio praieiro, repleto de cadeiras de praia com tecido florido, sofás de pallets, tambores de óleo para você apoiar sua cerveja e mesas dessas grandes para você dividir com os amigos ou com quem quer que seja. As paredes, com trabalhos de artistas da

da região, dão um toque ainda mais descontraído para o espaço que, hora ou outra, abriga exposições de fotografia e arte.

Mas a gente não veio falar de arquitetura, viemos falar de comida. E a Base não faz feio nesse quesito. A casa oferece diversas opções de hamburguers de 150 gramas, todos acompanhados de batatas chips (ou *Xíps*, como é chamada na Base). Estávamos em três, então escolhemos o *Rutz* (pão australiano, cheddar, bacon e cebolas caramelizadas), *Gorgon Zord* (pão de leite, gorgonzola, cebola caramelizada rúcula e maionese da casa) e o extravagante *Pai Népo* (pão australiano, mix de queijos, abacaxi flambado no whisky, bacon, pimenta jalapeño, maionese da casa, alface e tomate). Todos deliciosos e equilibrados. E em uma cidade em que a moda dos hamburguers está forte, não fazem feio perante a vasta concorrência. Além dos burgers, a Base também oferece porções

artesanal, como as já citadas *Xíps*, batatas rústicas e mandioca. Tudo servido em canecas de alumínio. E para quem não é chegado em carne, também tem duas opções de sanduiches vegetarianos, o *Magic Beans*, que leva um burger de feijão preto, e o *Jaka Loka*, de jaca desfiada ao molho de cerveja preta. Outro destaque do bar são os drinks exclusivos da casa, que fazem a cabeça da galera.

Vale a pena conhecer o lugar, ainda mais se você trabalha ali pelo Gonzaga e está procurando um lugar bacana para um *happy hour*. Vale lembrar que a casa não conta com garçons e que você deve fazer o seu pedido no balcão, o que pode incomodar quem é mais preguiçoso. Mas se você não liga, fica a dica de um lugar diferente em Santos.

Rua Alagoas, 06
Gonzaga - Santos/SP
facebook.com/colanabase06

VILLA ROMA EM SÃO PAULO

por \ fernando de santis

Apesar da loucura e caos, São Paulo tem lá suas vantagens. Se você quer comer qualquer tipo de comida, seja por estilo ou regional, você encontrará. Das diversas opções gastronômicas que a cidade oferece, as pizzarias paulistanas acabam recebendo seu destaque, pois muitas são acima da média. Villa Roma é uma pizzaria tradicional da Zona Leste, mais precisamente do bairro do Tatuapé. Verificando a necessidade de ter uma loja mais centralizada, abriram recentemente uma unidade na Alameda Jaú, pertinho da avenida Paulista, bem próxima ao metrô Trianon-MASP.

Poxa, mas se São Paulo tem tantas pizzarias legais, porque indicar uma? A Villa Roma tem lá suas peculiaridades: umas delas é a massa fina e crocante, bem menos calórica que as massas comuns que provamos por aí. Certa vez, os proprietários provaram uma massa nesse estilo na Itália e, inspirados, resolveram reproduzi-la no Brasil. Além disso, trouxeram aquele estilo estadunidense de comer pizza com a mão, porém usando uma luva de plástico, para não sujar os dedos. Isso não é

novidade na cidade, O Melhor Pedacão da Pizza, em frente à Galeria do Rock já serve pizzas desse modo há anos. Mas o cardápio da Villa Roma é caprichado, a massa da pizza não leva ovos, nem leite e os sabores vão desde pizzas tradicionais, como calabresa, marguerita, portuguesa, etc., às especialidades, como a da casa, até às premium com opções de *Salmão com Dijón*, *Carne Seca com Coalho* ou *Camarão*, entre outras. E claro, as opções veganas, além das doces. Quando quero saber se uma pizzaria é boa, escolho a portuguesa, para fazer a avaliação. Então, escolhi o tamanho gigante, em uma metade chamei a *Ó Maria!*, o nome carinhoso que a *Portuguesa* recebe no cardápio e, na outra metade, fui de *Mix de Cogumelos*, que faz parte das especialidades da casa. O que prometem, cumprem, uma massa fininha, crocante e deliciosa. O molho feito por eles mesmos é suave e muito gostoso. Usando a pizza *Portuguesa* como a minha escala, devo dizer que tiraram nota 10. A *Mix de Cogumelo*, que compreende em mussarela, champignon, shimeji e shitake temperados com especiarias, venceu no quesito leveza. Lá

pelas tantas, abandonei a luva e comi sem nada nas mãos, mas você pode pedir talheres normalmente. Achei que, por ter escolhido o tamanho gigante, levaria alguns pedaços para casa. Engano! Não sobrou nenhum pedaço para o café da manhã do dia seguinte. Com a barriga cheia, não tinha forças para pedir uma pizza doce, então quebrei as regras e pedi um brownie com sorvete, que estava sendo servido exclusivamente no festival *Restaurant Week*, mas abriram uma exceção e me trouxeram a sobremesa. Gostaria de escrever um palavrão aqui, mas não posso. Caramba! Que brownie incrível, acompanhado de uma bola de sorvete de doce de leite. Comería mais uns oito, se não tivesse me acabado na pizza.

Com duas opções em São Paulo, Villa Roma é daqueles lugares aconchegantes para ir com a família, comer de montão e sair leve, sem a sensação de estar estufado. Vale o retorno diversas vezes, para provar as dezenas de sabores de pizza. **TU**

Alameda Jaú, 1.191
Jardim Paulista - São Paulo/SP
www.villaromapizzaria.com.br



PIZZA MADE IN SAMPA

TU NOS OUVIDOS

TÁ PRONTO PRA OUVIR DE TUDO?



÷ (DIVIDE) ED SHEERAN



Acredito que, se o Ed Sheeran estivesse em uma mesa de poker, ele estaria dando um *All-In*. O cantor e compositor britânico está apostando alto em seu novo álbum, pois ele parece querer abocanhar um leque ainda maior de fãs com 12 faixas

extremamente ecléticas. Isso meio que explica o porquê do nome do álbum ser ÷ (*Divide*). Ele está se dividindo em várias facetas.

O Ed Sheeran de muitas faces mostra que traz algo diferente logo de cara com *Eraser*, um rap misturado com violão. Depois dá uma guinada de 90° com o single *Castle on the Hill*, que é daqueles pop rocks para ouvir numa viagem de volta para casa, com uma guitarrinha à la The Edge, do U2. E então, outra guinada. A melosa *Dive*, que lembra muito Bruno Mars. Aliás, essa é uma característica do disco: uma música mais agitada, seguida por uma bem mais suave. Diria que essa montanha russa sentimental é um dos pontos negativos dele. Por exemplo, temos o outro single, *Shape of You* (que você com certeza já deve ter ouvido). Sexy e canastrona, pra moçada dançar sensualizando, ao estilo Justin Timberlake. Então, temos *Perfect*, que é totalmente o avesso

Sabe aqueles dias que você não sabe o que você vai querer ouvir? Que você vai no seu iTunes ou Spotify e manda um shuffle para não ter problema de escolher uma música em questão e acaba descobrindo um som novo ou relembra aquela banda das antigas que você adora, mas tava lá no fundo da gaveta? Pois bem, esse dia é hoje!

disso. Uma baladinha romântica, com violinos e tudo o mais. Confuso, né? Bom, os violinos continuam, mas numa pegada irlandesa e bem mais animada em *Galway Girl*. Na sequência temos a lenta *Happier* e o rap com um violão meio latino, *New Man*. Pra continuar sendo presença marcante em casamentos, Ed traz a romântica *Hearts Don't Break Around Here*. E, antes de embalar mais duas mais suaves ao final do disco, temos a despreziosa *What Do I Know?*, com uma vibe bem gostosa. Pra finalizar temos a romântica *How Would You Feel (Paean)*, com uma guitarra à la John Mayer no finzinho, e a mais sentimental do disco, *Supermarket Flowers*. Esta, Ed escreveu como um tributo a sua avó. Uma história contada pelos olhos de sua mãe. Bastante emotiva.

E este *pot-pourri* de Ed Sheerans vai dar certo? Vai agradar todo mundo? O disco é bom, mas às vezes, o cantor ruivo quer ser tão diferente dele mesmo, que acaba lem-

brando outros artistas. Mars, Bieber, Timberlake e Mayer, todos dentro de Ed Sheeran. Mas, por enquanto, está dando bastante certo. Seu primeiro single, *Shape of You*, chegou no topo das paradas no Reino Unido em 25 de janeiro e está lá até o dia do lançamento da revista. E o disco, em sua primeira semana de lançamento, só não vendeu mais que 25 (2015), Adele, e *Be Here Now* (1997), Oasis. E com certeza vai continuar vendendo bastante. Bastante mesmo!



INFINITE DEEP PURPLE



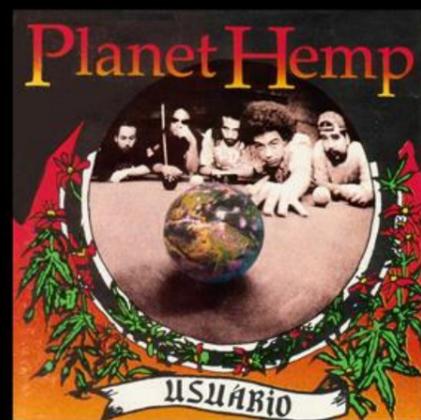
Será que uma banda formada em 1968 ainda tem lenha pra queimar? Essa pergunta sempre vem à cabeça dos interessados pelo som do Deep Purple,

todas as vezes em que os britânicos colocam um disco novo no mercado. Com quase 50 anos de estrada, a resposta é afirmativa: sim, Ian Gillan (vocal), Roger Glover (baixo), Ian Paice (bateria), Steve Morse (guitarra) e Don Airey, têm muita lenha para queimar e isso pode ser constatado no recém-lançado *InFinite*.

Sem surpresas, o que você escutará nessa obra é Hard rock setentista, feito por um bando de senhores que têm o domínio absoluto de seus instrumentos, tocando composições pra lá de inspiradas. *Time for Bedlam*, que foi uma das primeiras a vazar na internet, e *Hip Boots* abrem o disco com maestria e peso, Gillan com sua voz inconfundível soa como sempre, pelo menos em estúdio. Sabemos por relatos que sua voz já não é a mesma, seria injustiça cobrá-lo por isso, afinal, a voz é um instrumento 100% físico e o tempo cobra. *All I Got Is You*, que também fora lançada em EP homônimo, é mais cadenciada que as primeiras, tem um refrão pegajoso, numa melodia linda e um desses solos de Steve Morse que arrancam lágrimas, cheio de sentimento. Das onze faixas nesse extenso álbum, interessante destacar a *The Surprising*, mais melancólica, no início soando um pouco como Johnny Cash, vai ganhando peso, progressão e explode num solo épico de Morse. Incrível como ele apesar de ser caçula da banda, com

“apenas” 62 anos, soa tão maduro quanto os demais músicos. *Johnny's Band* é um rock divertido, contando a história da banda do personagem Johnny, que vai do céu ao inferno com o seu grupo. Uma história fictícia que é real para tantas bandas. Que som gostoso de se ouvir. *Birds Of Prey*, com um efeito à la *Tom Sawyer* do Rush ao fundo, vem com um rock progressivo todo trabalhado, quebradinho, com nuances e momentos diferentes, composição que é o atestado assinado do talento dos caras. Jon Lord, no céu, aplaudiria. Destaque para o cover de The Doors da composição *Roadhouse Blues*, bluezão com gaitinha, piano e tudo. Bela homenagem, honesta e divertida. Digna de ouvir tomando uma breja gelada.

Tudo indica que *InFinite* será o derradeiro álbum dessa banda que passou por cinco décadas e transformou o rock, que sempre foi lembrada por ter músicos impecáveis, gênios que aliavam a habilidade com simplicidade e inspiração. Se for o último disco e a última turnê, teremos que dizer que o Deep Purple teve uma carreira incrível, e que foi encerrada com maestria. Infinito será o Deep Purple na história da música, infinito é o legado do Purple, infinito é o rock transformado pelo Purple.



CLÁSSICO DA TU USUÁRIO

PLANET HEMP
LANÇAMENTO | ANO 1995

Os anos de 1994 e 1995 foram redentores ao rock nacional. Em um período de um ano, bandas como Raimundos, Nação Zumbi, Mundo Livre S.A., Skank, entre outras, apareceram com criatividade transbordando a cada nota musical. Nesse pacote de bandas de meados da década de 90, surgiu o Planet Hemp, banda carioca, formada originalmente por Marcelo D2, BNegão, Rafael Crespo, Formigão, DJ Rodrigues e Bacalhau, que apresentava uma fusão de ritmos que ia do rap, hip hop, hard core, metal e até samba!

Lançado em 1995, *Usuário* é o disco de estreia dos cariocas. Se precisavam de um empurrão para aparecer na mídia,

conseguiram quando engatilharam o videoclipe de *Legaliza Já*, na MTV. Em princípio, só era exibido altas horas da noite e, logo em seguida, foi censurado, pela letra defendendo a liberação da maconha e por mostrar abertamente pessoas consumindo o cigarro em um bar, jogando sinuca. Foi um estardalhaço na mídia, que serviu como uma luva para o grupo alavancar a carreira. Apesar do nome da banda, do disco e da grande maioria das 17 composições do álbum abordarem o mesmo assunto, o som dos caras é o que devemos destacar. *Não Compre, Plante!*, abre o disco com um swing de black music, scratches e uma linha de baixo a lá anos 70, hipnotizantes. Se defendiam

a erva, do outro lado atacavam a violência policial, com a polêmica *Porcos Fardados*. Uma citação de Hendrix e o peso cai nos ombros em *Phunky Buddha* com um riff avassalador, acompanhado de uma base cheia de wah-wah. *Maryjane* é um hardcore de primeira linha com claras referências a Suicidal Tendencies. *Futuro do País* traz o samba, que mais tarde seria tônica da carreira do vocalista Marcelo D2. Esse mix de estilos estava em alta com as bandas que haviam surgido naquele período. Chico Science & Nação Zumbi praticavam um som com esses mesmos cacoetes, enquanto os Raimundos misturavam hardcore com forró.

Além do clássico *Legalize Já*, o disco emplacou mais dois hits que até hoje são executados exaustivamente em rádios, bares e festas. *Mantenha o Respeito* e *Dig Dig Dig (Hempa)*. Se você não conhece essas três faixas, provavelmente morou em outro país nos últimos 20 e poucos anos. Vale destacar algumas vinhetas entre faixas como *Desdazseis* e *Planet Hemp*. Em *Muthafuckin' Racists*, passeiam pelo metal e apresentam uma letra em inglês. Impressionante como conseguiam flertar com tantos estilos e com tanta autoridade. *Skunk* é uma faixa instrumental, com cara de jam de estúdio, com uma produção mais crua, propositalmente. Deliciosa e caprichada, assim como todo o disco.

Usuário vendeu como água, tanto pela polêmica que trazia em suas letras, quanto qualidade das composições, executadas por músicos de primeira. Depois disso, lançaram mais dois álbuns de estúdio, *Os Cães Ladram, mas a Caravana Não Para* (1997) e *A Invasão do Sagaz Homem Fumaça* (2000). Mas foi o disco de debut que trouxe a banda à tona. Com essa mistura certa de estilos e com muita polêmica, o PH cravou seu nome definitivamente na história do rock nacional. **TU**

OUÇA ESTE E OUTROS ÁLBUNS EM
NOSSAS PLAYLISTS NO SPOTIFY.
SIGA TU_REVISTA



#EU SOU TU

fotos

\@ysa_menezes \@rahdardaque \@hiltonioneda \@luacollini
\@jessicaofonseca \@dani_rodriguesdovalle \@des_focadas
\@galmaislegal \@bemerlin \@gibaservo \@mari_tassi
\@thais_scarparo \@clicksdosan \@guedesmelo
\@amandadesza \@moalmeida \@404.ape
\@thayscardozodacosta \@leticiawegener \@leandrogama013
\@georgiananaya \@marcialongboard \@rafaeldardaque
\@marjori.am \@liza_liza_liu \@gugabarcelos
\@eurobertamartinez \@chef_prime_danilorocha
\@thata_souza85 \@ed_jardimkrt \@rkleine \@thatylittlevamp
\@deathdilla \@luizcarlostss \@giovanni.thiago \@denismoura
\@vanessacidperes \@cshuid \@jorgenaslauski \@dani_torrez



TU